

organizadores

Carlos Alberto de Souza
Jane Cardozo da Silveira

impressão

a arte de
contar história

2 jornalista

Organizadores:

Carlos Alberto de Souza
Jane Cardozo da Silveira

impressão de jornalista

a arte de
contar história

2001



UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

Rua Uruguai, 455 - Caixa Postal 360
88302-202 - Itajaí - Santa Catarina

Reitor

Edison Villela

Vice-Reitor

Moisés Stromer

Procurador Geral

Félix Eugênio Reichert

Chefe de Gabinete / Secretário de Integração

Antônio Scatolin Pinheiro

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

José Roberto Provesi

Pró-Reitora de Ensino

Sueli Petry da Luz

Pró-Reitor de Administração

Danielo Melim

Diretora do Centro de Educação Superior de Ciências Humanas e da Comunicação - CEHCOM

Maria Mersilda Pinheiro

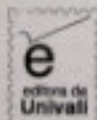
Coordenação do Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Mário Luiz Fernandes

I7 Impressão de jornalista: a arte de
contar história / Carlos Alberto de
Souza, Jane Cardoso da Silveira
(organizadores) - Itajaí: ProEn -
CEHCOM, 2001.
251.
Grandes reportagens impressas.
I. Jornalismo. 2. Reportagem e
reporteres. 3. A arte de contar
história. I. Souza, Carlos Alberto
de. 1958 - II. Silveira, Jane
Cardoso -1961. - III. Título
CDU. 070

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central Comunitária

Capa e Projeto Gráfico:	José Isaías Viana
Idealização do projeto:	Carlos Alberto de Souza
Revisão:	Jane Cardoso da Silveira
Colaboradores:	Prof. Omar de Souza
	Sueli Pereira da Silva



ProEn / CEHCOM

Apoio Cultural:

EDITORA DA UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

Itajaí, 2001

SUMÁRIO

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS	07
----------------------------------	----

HISTÓRIA

A HISTÓRIA DA TV COLIGADAS DE BLUMENAU	13
UMA CIDADE SEM HISTÓRIA	47
O LIXO DA HISTÓRIA	69

EDUCAÇÃO

O BALLET DAS PERSIANAS	109
------------------------------	-----

CIDADANIA

A ARTE DE SER VELHO	167
ABRIGO LUZ DO AMANHÃ: Lar para crianças sem teto	191
RIO DO SUL O caminho da aventura	233

O ballet das persianas

Autora: Cristina Teresa da Costa Santos

Orientadora: Elaine Jussara Tomazoni Tavares

Na escola, aprende-se a ler, escrever e a tornar-se cidadão. Entretanto, identificam-se dificuldades no desenvolvimento de uma ação educativa consistente e de boa qualidade. Este trabalho defende a arte como forma alternativa para o desenvolvimento do potencial criador das pessoas enquanto indivíduos críticos, criativos e expressivos, cidadãos capazes de pensar e agir para mudar, melhorar e crescer. O desenvolvimento das idéias dá-se quando a criatividade é a base de um currículo expressivo. A *arte na educação infantil*, tema desta reportagem, é capaz de romper as barreiras da mesmice e fazer com que o homem cresça espiritualmente e possa atuar ativa e criativamente na vida social.

A coreografia da arte na educação infantil

À música, por embalar nossos sonhos e dar vida aos objetos.

Ao vento, por fazer as cortinas dançarem e ninar a chuva numa sinfonia aritmética.

E às crianças, pela magia de jamais se deixarem crescer. Fantoches divinos desse Compositor peralta que emaranha, em suas linhas, nossos atos mais inocentes e coloridos.

O ballet das persianas é uma forma diferente e inovadora de falar sobre a importância da arte na educação infantil. Este trabalho registra a necessidade de movimento, de dança, de troca, de cumplicidade. O movimento, enquanto cúmplice do ballet; e o vento, enquanto cúmplice das persianas. Movimento e vento estão entendidos como o oxigênio do currículo da educação infantil. Oxigênio como a arte que impulsiona e dá vida.

Muitos falam da arte, é vasta a literatura, mas poucos ousaram mostrá-la e teorizá-la, dando sentido científico no

chão, nas paredes e nas janelas das salas de aula e nas persianas como fez a Cris. Ela conseguiu adentrar nesse mundo louco e divertido, não só na sala de aula e na formação do professor. Olhar, sentir com poros, entender e falar desse mundo fantástico, às vezes indecifrável da educação infantil torna-se uma tarefa difícil e complexa quando não a percebemos com olhos de artista. Pois somente enquanto artistas vemos o mundo além das aparências, na sua essência, na sua alma.

E foi isto que a Cris fez, olhou, sentiu e se deixou impregnar pela educação infantil com o olhar de artista. Alguém que foi além da condição de espectadora, mas conviveu e se deixou contagiar pelo objeto de estudo. Se deixou apaixonar, se deixou envolver. Como disse Jean Coucteu, existem verdades que a gente só pode dizer depois de ter conquistado o direito de dizê-las. Menina, criança, mulher. Assim ela escreveu uma história com personagens reais por entre as persianas da vida não apenas com a vontade de acreditar, mas com o desejo de descobrir e fez com que o saber ficasse memorizado de cor, como disse Rubem Alves, etimologicamente, de cor significa no coração.

Sueli Anacleto.

Semana da Criança

Se cortinas falassem, com certeza teriam mais de mil histórias para contar. No entanto, nem todos poderiam ouvir, pois é preciso ter ouvidos de criança para escutar o que as cortinas falam. Dizem que as paredes têm ouvidos, mas elas guardam segredo. Já as cortinas, não. As cortinas sabem dançar e, por isso, contar histórias.

Mais do que dançar, as persianas da pré-escola do Colégio de Aplicação da Universidade do Vale do Itajaí contam histórias lindíssimas, que só elas presenciaram, como bailarinas num teatro lotado. Só que o *show* é das crianças e basta que um vento um pouco mais forte sopre pela janela aberta para que as persianas aplaudam e saúdem este *show*.

Semana da criança. Chuva até não poder mais. "Me dá até vontade de chorar", comenta um garoto. "Já não basta esse choro das nuvens?", diz outro. As nuvens choram quase numa poesia aritmética. Paredes, carros, sombrinhas, capas e marquises protegem os homens. O céu protege as paredes, os carros, as sombrinhas, as capas, as marquises e toda a natureza, que ama a chuva como a sua própria filha. Como seu alimento de evolução. As plantas estão mais verdes, os homens estão mais cinza. Muitos homens não amam a chuva. Eu amo. E foi num desses dias de chuva que sentei defronte à mesa bagunçada, essa mesa colorida que só eu entendo e comecei a escrever. Sabe, as pessoas são criativas. A chuva é mestra. Os mestres ensinam as pessoas criativas a buscar maneiras de aprender e apreender. Está chovendo, é semana da criança. Não dá para ir brincar lá fora. Ao compreendemos um pouco mais sobre o mundo à nossa volta, podemos também compreender um pouco mais sobre nós mesmos. A chuva pede para ficar aqui dentro. Vamos criar com isso.

As persianas, na janela aberta, bem que queriam bailar, mas o vento forte parecia forçá-las a seguir o ritmo que ele queria. E elas seguiam, sem questionar e, talvez por recompensa à obediência das pobres persianas, o vento, inteligente que só ele, como que se soubesse da necessidade que elas tinham de bailar por pelo menos um instante, transformou-se em uma brisa suave, cheia de brincadeiras. E

então, as persianas foram ficando cada vez mais agitadas e o vento se entusiasmou novamente, atirando ao chão as folhas de papel que descansavam em cima da mesa da pré-escola da UNIVALI, lugar onde a arte e a livre expressão estão sempre presentes na educação infantil.

Os chineses são sábios e pequenos. Eles sabem pensar e, de tanto meditar, seus olhos permanecem sorrindo, meio fechadinhos. Os chineses criaram provérbios, na antiguidade, que hoje são bastante famosos pela sua carga de simplicidade, poesia e verdade. Leia um deles: "Eu ouço e esqueço; eu vejo e lembro; eu faço e entendo".

Talvez baseada na livre expressão, talvez inspirada pelos chineses ou talvez encantada pela chuva, a equipe da pré-escola não foi brincar lá fora na semana da criança. *Ateliêrs* foram criados, cada um com uma cor, cada um com uma animadora, cada um cheio de crianças ouvindo, vendo e, acima de tudo, fazendo arte. Arte que jorra pelas pontas dos dedos, como a chuva das nuvens do céu, em obras primas.

Obras primas de teatro, culinária, *music & english*, dança, massa de modelar, recreação & jogos e literatura. Todos ficaram felizes, como as plantas que recebiam água lá fora. Essas obras ficaram protegidas pelas paredes, como as crianças. Só que essas paredes não são paredes comuns. Não fazem parte do conjunto paredes, carros, sombrinhas e capas que protegem os homens da chuva. Essas paredes são mágicas por não protegerem homens comuns, e sim, futuros cidadãos crítico-criativos da sociedade moderna.

Atelier de fantasia

Na semana da criança, em outubro de 1997, a chuva era tão intensa que a visita programada a um sítio teve de ser cancelada. E assim, foi criada a tarde de *ateliers*, a primeira tentativa de trabalho diversificado entre todos os grupos da pré-escola do Colégio de Aplicação da UNIVALI – CAU. *Atelier* significa oficina onde trabalham em comum operários ou artesãos. Nada melhor que essa denominação, já que

crianças nada mais são que pequenos artesãos curiosos, competentes e dispostos a descobrir os segredos mais secretos dos objetos que os cercam e transformá-los nas mais diferentes criações.

As crianças optaram por um atelier que não fosse animado pela sua professora e misturaram suas cores, suas roupas, suas idades, suas brincadeiras e suas idéias num mundo novo, repleto de descobertas. "A gente botou a mão na massa mesmo", comenta uma pequena menina.

Alguns ateliers foram mais concorridos que outros no momento da escolha, mas após o início dos trabalhos, a harmonia tomou conta dos grupos, tal qual a simetria das gotas de chuva que bailavam lá fora.

A coordenadora da pré-escola do CAU, Roberta Pimenta Vieira de Carvalho, conta que essa primeira tentativa, submetida à avaliação tanto por parte das crianças quanto dos professores, foi a semente para um trabalho sistematizado que inclui a real vivência da cooperação afetiva no dia-a-dia da pré-escola.

Quando se inicia uma atividade diferente, a escola toma-se um desafio e a euforia é tanta que o brilho dos olhos de cada criança parece ser maior que o seu ser. A energia acumulada chega a escapar pelos poros e vai contagiando os objetos onde eles esbarram. Mesas, cadeiras, papéis, lápis e cortinas fazem parte das crianças e elas até esquecem que estão ali para aprender, fazendo tudo como se já nascessem sabendo. Até os que não sabem ler acabam lendo por instinto.

"Eu segurei a forminha e fiz uma bolacha de verdade", conta animada, uma das meninas, durante o atelier de culinária. Para a professora Méri Margarete R. Schneider, o primeiro passo para trabalhar numa tarde de atelier é planejar atividades que atendam às necessidades de diferentes faixas etárias, tendo em vista que as crianças de zero a seis anos estavam todas juntas. "Meu maior encanto foi observar como os maiores cuidavam dos menores". Com esse trabalho mesclado, o rei sol brilha dentro de cada sala de aula.

Para a professora Josiane Rodrigues, esta interação é muito rica, tanto para as crianças quanto para o professor,

pois há muito respeito com a individualidade e capacidade de cada um. "Eu não canso de criar".

Após essa semana cheia de novas experiências, os ateliers foram oferecidos aos alunos da pré-escola do CAU semanalmente, durante os anos de 1997 e 1998. No ano de 1999, se iniciaram após o período de adaptação das crianças à escola, no final do mês de maio. Este ano as atividades desenvolvidas nos ateliers são sempre ligadas à arte. Todas as sextas-feiras as crianças vão à procura de outros amigos e outras professoras para brincar. Assim pensam elas, porque na verdade estão aprendendo mais do que nunca.

As professoras expressam que, em relação à dimensão afetiva e social, os ateliers promovem a interação e cooperação entre as crianças dos diferentes grupos e de diferentes idades, ação considerada fundamental para o desenvolvimento da sua autonomia.

Roberta explica que outro fator que se apresentou constante nos relatos das professoras envolvidas foi a oportunidade que as crianças tiveram de expressar suas emoções através de vivências que, em outras situações, não teriam a oportunidade de fazer, por causa dos temas trabalhados nos ateliers. "Em relação à dimensão cognitiva, as tardes de ateliers são de grande auxílio e estímulo para a produção de textos, estímulo à escrita espontânea e do registro através de desenhos", diz.

As atividades auxiliaram tanto na expressão oral e na criatividade que os conhecimentos infantis foram ampliados, já que não ficam restritos a conteúdos lingüísticos e/ou matemáticos, mas abrangem também saúde, alimentação, cuidados com o corpo etc., numa perspectiva interdisciplinar, na qual os conteúdos estão intimamente imbricados.

As questões matemáticas ainda são pouco sistematizadas no currículo de educação pré-escolar, mas os ateliers proporcionaram uma grande ajuda para a formação das idéias matemáticas. "Os ateliers promovem, através das contagens e medidas de ingredientes nas receitas culinárias, nas formas e cores trabalhadas, dos participantes envolvidos e dos ritmos de cada um, um estímulo intuitivo para conhecimentos mais avançados", explica Roberta.

A professora Leticia Aparecida da Rossi Schröeder, animadora do atelier de sucata, conta que além de explorar os materiais como um todo (tamanho, formas, cores, espessura, resistência, transparência...) aprende-se a valorizar e reconhecer a importância da reciclagem do lixo e a sua transformação em brinquedos significativos. "Este lixo que magicamente transformamos em brinquedo toma vida nas mãos das crianças, pois elas brincam e se divertem pra valer; agora com muito mais alegria e significado, já que o brinquedo foi construído com suas próprias mãos", salienta.

A professora Ana Maria Dias Teixeira, animadora do atelier de culinária, acredita que estes são constantes desafios para a aprendizagem e oportunizam ao grupo uma dinâmica envolvente e ativa. "No decorrer de cada tarde, procuramos trabalhar com diferentes pratos, incentivando assim o saber alimentar-se sozinho e a observação através do processo de transformação de vários ingredientes. Isso sem falar na interação e afetividade do grupo e nos relatos nas assembleias, textos livres, textos coletivos, músicas etc. O mais significativo é que cada criança tem a oportunidade de fazer seu próprio lanche", comenta, num discurso que expressa seu prazer.

Nestes ateliers de fantasias, a descoberta é a parte mais fantástica. Houve um dia, no atelier de literatura, que a professora Méri trouxe os livros todos dentro de uma mala de couro bem antiga. daquelas retiradas bem do fundo do baú, que era do pai, do pai, do pai, do tio do avô do meu pai, sabe?

As crianças ficaram curiosíssimas ao ver a professora chegar com aquela mala diferente, esquisita e pesada. Ufa, que pesada! Os olhinhos reluziam com a vontade de ser uma formiguinha e entrar na mala, descobrindo o que havia dentro antes de todo mundo. Os vincos do couro claro, marcado pelo tempo, eram cúmplices, e não deixavam transparecer um pedacinho sequer do conteúdo da mala. Perguntas e mais perguntas eram lançadas por todas as direções e as expressões de surpresa invadiam cada um daqueles pequenos seres. "É roupa?", "é brinquedo?", "música?", "historinha?". Até as cortinas estavam ávidas por respostas.

Então a professora abriu a mala e eu bem pensei que também via música, roupas e brinquedos ali dentro, já que

livrinhos de história trazem vida e tudo o que a imaginação criar. Além de vários deles, dentro da mala tinha também uma pequena caixa com fantoches de dedos, uma peruca e um nariz de palhaço, um lençol branco, uma lâmpada, um abajur e CDs.

Histórias foram lidas e contadas, viagens foram feitas por esse mundo mágico do faz de conta que enobrece até a mais crescida das crianças. E com um puxãozinho aqui, outro puxãozinho ali, o lençol ficou preso entre duas cadeiras. Acendeu-se o abajur e as crianças partiram para o teatro de sombras. Elas criaram histórias e personagens com os fantoches de dedos.

Tinha muitos livros diferentes na mala, "com letras grandes", "livros que não tinha nada escrito", livros com rimas, só com figuras, com "letra de mão"... de cabeça para baixo, balançando para lá e para cá, as folhas dos livros pareciam persianas ao vento nas mãos das crianças.

Uma bagagem curiosa

Essa história de trazer para a sala de aula uma mala cheia de trechos, apetrechos, livros e outras coisas veio da cabeça de Maurício Leite, um arte-educador que percorreu todo o país capacitando professores ou trabalhando com as próprias crianças. Seu projeto é incentivar o hábito da leitura através da dramatização das histórias infantis, sempre usando instrumentos saídos da mala. A mala, totalmente idealizada por Maurício, contém desde livros até maquiagem teatrais, fantoches e outros materiais cênicos. Tudo produzido por ele e pelas crianças a partir de sucata. "Os elementos têm de ser simples, a história é que tem de ser sofisticada", justifica Maurício Leite, que tem larga experiência em arte-educação para crianças, além de respaldo internacional, já tendo percorrido os Estados Unidos e a Europa transmitindo sua metodologia. Seu trabalho começou na Ilha do Bananal, no Mato Grosso do Sul, há 12 anos. Hoje, já existem mais de 154 "malas" espalhadas por todo o Brasil.

Maurício fala que ganhou sua mala quando pequeno, para brincar, e acreditou que seria para ir embora. E levou à sério essa idéia. "Então toda vez que alguém brigava comigo, eu pegava a minha mala e ia embora. Minha brincadeira preferida era fugir. Nem sempre dava certo, por causa dos dedos-duros, uma empregada preocupada ou um amigo fofoqueiro. Mas um dia eu consegui", afirma.

A Ilha do Bananal tem 450 Km de extensão e fica entre os Estados de Mato Grosso do Sul, Tocantins e Pará, mas pertence, oficialmente, ao Tocantins. Segundo Maurício, em 1968, houve a Guerrilha do Araguaia nessa região e, em apenas um dia, mataram mais de duzentas crianças metralhadas. "E isso não saiu no jornal. Eu trabalho com alunos de lá que os pais morreram porque a polícia pagava por orelha de posseiro, um Brasil onde ninguém quer ir", lamenta.

Conta ainda que, naquela região, livro não adiantava, porque quase ninguém sabia ler, então ele e seu grupo começavam a contar lendas, músicas, canções, davam livros para professores e para outras pessoas que pediam e, de repente, não tinha mais livros para dar. Então começaram a fabricar brinquedos e vendê-los para comprar livros.

Maurício fabrica animais da fauna brasileira, com os índios. Os animais e brinquedos são esculpido no único talo de uma palmeira, com a ajuda de faca de cozinha, cola caseira e tecido. "O meu projeto é a retomada da memória nacional através dos brinquedos e animais nativos esculpido numa madeira extremamente brasileira, o buriti". O buriti é uma palmeira existente em quase todo o Brasil. É um indicador de água e também um grande propagador de incêndio. Essa palmeira dá doze folhas por ano, uma por mês. "Quando ela é pequena, o talo, quando cai, toca o solo e provoca incêndios. Então temos a autorização do Ibama para cortar aquele talo que vai caindo no solo. Para a gente, o buriti é uma coisa fantástica, muito importante, pois representa a nossa cultura". Ao todo, Maurício já produziu, com seus pupilos, uma exposição de 13.500 peças de brinquedos populares e animais do Brasil, que percorre o mundo todo e atualmente está nos Estados Unidos.

Para a professora Méri, a integração das crianças com o mundo da imaginação, seja através da expressão oral, corporal ou verbal, foi observada neste atelier de literatura. "O interesse das crianças pelo fantástico e a facilidade de se colocar no lugar dos personagens torna o trabalho da tarde proveitoso, pois as crianças têm a oportunidade de manusear livros de histórias variadas, com textos, sem textos, de trava-línguas, em preto & branco etc".

Maurício se descreve como um professor que dava aulas e se cansou da escola, pois diz ser um cara acelerado. "Eu achava as coisas muito aceleradas na escola, e hoje sou aquele que fica do lado de fora, jogando pedra no vidro. Eu trabalho nas comunidades, com grupos de pessoas da vida real. Também dou cursos para professores e divirto as crianças, contando histórias. Só assim que eu entro na escola". Na educação, é preciso conquistar o direito de ser ouvido.

Maurício conta a história de um livro que tem três histórias. Quando foi comprado, tinha uma história. Passou a ter duas depois de sobreviver a uma enchente. Quase se afogou, o coitadinho, mas se agarrou nas persianas da vida para sua mais emocionante jornada, a terceira história do pequeno livro chamado "O saco". Na sua profissão, Maurício vai aonde é chamado, mesmo que chore, que se indigne, que fique nervoso. Dia desses foi convidado a contar histórias na ala pediátrica de um hospital sem cortinas. "Fiquei nervoso ao ver aquelas crianças sem cor e sem brilho, puxei o livro com força, meio de jeito e acabei rasgando uma página". Foi então que um menininho se levantou e falou: "Vamos fazer um curativo nele!". E o menino ficou colorido, pegou um pedaço de esparadrapo, rasgou com os dentes e fez o curativo no livro com seus dedinhos de anjo. "Depois eu dei uma respiradinha, relaxei e contei a história", diz Maurício emocionado. "Deu tudo certo".

Enquanto as crianças prestam atenção nas histórias, estão desenvolvendo uma capacidade infinita de criação. É brincando que elas aprendem, pois brincando ficam cheias de idéias e curiosidade. Assim, através da livre expressão, os conteúdos que têm de ser trabalhados e estudados durante o ano letivo não são ensinados, são absorvidos, são

conquistados; como as plantas absorvem a água da chuva lá fora para seu próprio crescimento. As plantas precisam de água, sentem necessidade e desejo por ela do mesmo jeito que as crianças sentem desejo de aprender.

Artimanhas da livre-expressão

Essa história de livre-expressão é coisa séria. Surgiu em tempos remotos, em circunstâncias não tão propícias. Bem no finalzinho do século passado nascia uma criança, assim como nascem crianças todos os dias, em todos os séculos, em todas as partes do mundo. Talvez essa criança nem tenha sonhado que, no finalzinho deste século, as técnicas que viria então a criar, estariam tão difundidas e ajudariam tanto a educação infantil.

A criança de quem falo é Célestin Freinet, um educador francês muito humilde e extremamente criativo. Ele nasceu em 15 de outubro de 1896, no sul da França, num vilarejo chamado Gars, situado nos Alpes Marítimos. Seus estudos foram interrompidos com o início da guerra, em 1914. Ao participar de combates, Freinet sofreu as ações de gases tóxicos que comprometeram seus pulmões. Ele voltou bastante debilitado da 1ª Guerra Mundial, e isso o motivou a procurar uma nova pedagogia que poupasse o esforço oratório do professor, sem prejudicar o aluno. Então começou a inovar, tendo como covaia, uma antiga, pobre e escura escola, mal conservada e organizada de maneira tradicional, em Bar-sur-Loup, na França. Essa escola talvez não tivesse nem persianas. Mas foi assim que Freinet, conhecendo os alunos e estando sensível às suas necessidades, percebeu que, naquela classe, pouco ou quase nada motivava as crianças. Então transformou sua sala em um novo ambiente, organizando espaços diferentes para cada atividade, oficina para tecelagem, desenho, pintura e "sala de cinema" com um modesto projetor.

Freinet era de temperamento audacioso. Quando queria descobrir alguma coisa, entregava-se inteiramente a esse

projeto, procurando a solução até conseguí-la, não obedecendo a regras preestabelecidas.

Se o interesse das crianças estava lá fora, por que ficar dentro da classe, lendo trechos de manuais com frases sobre assuntos desinteressantes para elas? E foi assim que Freinet decidiu levar os alunos para onde eles se sentiam felizes: lá fora. E organizava diariamente uma aula-passeio diferente.

Através dos textos que as crianças produziam, carregados com informações, percebia-se que naqueles passeios elas também entravam em contato com a geografia, a história, a aritmética, com as ciências, enfim, o que significava um despertar para a compreensão do mundo.

Suas idéias e práticas foram se espalhando como persianas ao vento e, nas salas de hoje, motivam o surgimento da correspondência inter-escolar pela prática do texto livre. Naquela mesma época, chega à escola, Elise, que mais tarde viria a se tornar esposa de Freinet. Com sua sensibilidade de artista e o espírito aberto às experiências do marido, Elise veio complementar seu trabalho. Professora de Arte, revolucionou este setor, conseguindo melhores matérias e organizando o espaço. Ela deu auxílio precioso a Freinet, fazendo com que a livre-expressão se manifestasse através da arte, criando os passos para o nascimento dos quatro eixos que viriam a nortear a sua proposta, daqui para a eternidade: cooperação, documentação, afetividade e comunicação. Com seu senso de organização, foi aos poucos colocando ordem naquilo que parecia confusão.

Freinet acreditava que a inteligência, a acuidade científica, o pendor artístico etc. não deviam ser cultivados apenas através das idéias, como era feito no ensino tradicional, mas também pela criação livre, pelo trabalho com as mãos e pela pesquisa experimental. Ele defendia a livre expressão por facilitar a criatividade da criança no desenho, na música, no teatro, extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável por seus comportamentos afetivos, intelectuais e culturais. Eis aí um começo seguro para a conquista de uma vida adulta. O respeito de ser humano, expresso pelo respeito à criança, era a garantia para as realizações futuras, na certeza de que a criança, quando adulta,

estaria pronta a defender os atos de todos, aprendendo a trabalhar pela coletividade.

A coordenadora da pré-escola do CAU, Roberta Pimenta Vieira de Carvalho, aplica os princípios da livre-expressão não só com as crianças, mas com todos que a rodeiam, já que, além de prática de vivência escolar para uma melhor aprendizagem, ou um melhor caminho para a mesma, a livre-expressão é um direito que todos temos como cidadãos. Então ela explica que a livre-expressão representa a oportunidade da criança “dizer e se dizer”, utilizando as diversas formas de expressão.

O processo de ensino e aprendizagem muitas vezes pode não ser atraente aos olhos de uma criança e a livre-expressão torna-se, a partir daí, de suma importância enquanto ponto de partida para a organização de um trabalho educativo, tornando-o significativo e de grandes atrativos. “Para compreender isso, basta que os educadores considerem que é a livre-expressão que fornece as pistas sobre o estágio de desenvolvimento em que cada criança se encontra, sobre os aspectos a serem trabalhados e quais seus interesses no contexto socio-afetivo da escola”, explica Roberta, através dos inúmeros textos que me forneceu, para que eu mesma pudesse estudar e compreender esta magia que ensina às crianças na pré-escola. Ela, como mulher, educadora e gente grande que é, sentiu-se livre para me emprestar seus escritos, para que eu me sentisse livre para criar os meus acerca do seu trabalho. Isso é livre-expressão.

Parece incrível, mas quando se trabalha aqui dentro deste espaço de criação, a inspiração flui como uma chuvinha leve, como a que caiu há pouco. As persianas estão quietas, pois as janelas fechadas não deixam o vento entrar.

Descobri que Célestin Freinet, em sua obra, refere-se à livre-expressão para caracterizar as atividades por ele orientadas e que objetivam favorecer tanto o crescimento sócio-afetivo cultural de seus alunos, quanto sua curiosidade científica. As atividades que favorecem a livre-expressão permitem, pelo desenvolvimento das técnicas propostas por Freinet, tanto à criança quanto ao educador, um envolvimento bastante grande com o processo de ensino e de aprendizagem.

"Essas atividades pressupõem uma inter-relação entre o estudo, a discussão e o conhecimento historicamente construído, confrontado à experiência pessoal, permitindo em sua dinâmica, o surgimento de vivências criativas, criadoras, inéditas e ousadas". É assim que a professora Sueli Anacleto explica o efeito gracioso que a livre-expressão causa nas crianças.

Sueli trabalhou lá na pré-escola desenvolvendo um projeto de pesquisa a respeito da aquisição da leitura e da escrita nas crianças. Durante dois anos, todos os meses ela recolheu atividades de cada turma e, embalada pelas persianas cor-de-pele da sua sala laranja, de tijolinhos à vista como em toda a UNIVALI, as avaliou com todo o seu coração de criança. Com essa filosofia Freinetiana, as crianças vão longe. Ela conta que para a construção do conhecimento infantil é preciso uma organização; e pensar sobre isso implica em reinventar o espaço da sala de aula, para que nesse espaço vivam e aconteçam transformações de interações da criança com o mundo físico e social, oportunizando-lhe vivências e situações de trocas de pontos de vista, tomadas de decisões, sendo alcançado, assim, sua autonomia e cooperação, tão importantes para a formação de um novo cidadão.

Ainda na sua concepção de educadora, Sueli conta que o trabalho pedagógico, fundamentado numa perspectiva de desenvolvimento da totalidade da criança, requer formas de trabalho criativo que possam manter viva a fantasia natural das crianças, onde elas expressarão a sua leitura de mundo nas interações através da arte, do movimento, da música e da grafia, numa forma de expressão total. "Assim, a expressão emotiva, expressão corporal, a expressão plástica, verbal, musical e a expressão escrita, conjugadas, formam uma expressão total que permite o desenvolvimento global e harmônico da criança", finaliza.

Nessa pedagogia mágica, as atividades de grupo, intercaladas com as atividades individuais, são relacionadas com as artes, pois os temas trabalhados acabam quase sempre levando a esse caminho.

A livre-expressão da criança fornece aos educadores uma rica documentação para o conhecimento dos fatos psíquicos

da mesma, através da espontaneidade, da sensibilidade e da alegria de viver expressos nos numerosos textos pendurados nas paredes, como cortinas loucas para voar por esse louco mundo de criações. "A gente pode fazer tudo diferente", conta a criança no canto da sala, com o pensamento em fantasia.

Filosofando

Um filósofo bastante conhecido, mas talvez não tão compreendido, Platão, conseguiu transformar em desafio filosófico a existência e a finalidade das artes. É o pensamento racional que as interpela sobre o seu valor, sua razão de ser e o seu lugar na existência humana. Platão observa que a poesia e a música exercem influência muito grande sobre os nossos estados de ânimo, e que afetam, positiva e negativamente, o comportamento moral dos homens.

Anos mais tarde, seu discípulo Aristóteles, desenvolveu, numa obra chamada *Poética*, idéias relativas à origem da poesia e à conceituação dos gêneros poéticos, idéias que, pela sua clareza e consistência, representam, em conjunto, a primeira teoria explícita da Arte que a antiguidade nos legou.

É no seu livro "Introdução à filosofia da arte", que Benedito José Viana da Costa Nunes, professor de Filosofia na Universidade Federal do Pará, em Belém, conta toda a história do surgimento e reconhecimento da Arte, essa expressão livre e lúdica que nos encanta. Ele explica, de uma maneira clara e cativante, que a arte foi muito questionada pelos filósofos e, que todos nela envolvidos tinham uma visão de mundo e uma criatividade bastante aguçadas. Explica ainda que foi no Renascimento que se deu a união teórica do Belo com a Arte, união que uma terceira idéia, a de Natureza, a qual nessa época adquiriu sentido preciso, ajudou a consumir. "Conjunto de fenômenos sujeitos a leis, como pensava Leonardo da Vinci, a natureza é a fonte do belo que o artista revelará com as suas produções, às quais se concede uma consistência semelhante à do Universo material e sensível, agora valorizado. A partir daí, fala-se numa beleza

natural, a que a arte tem de se sujeitar, e que, quando ela é transplantada, gera a beleza artística", explica Benedito. Talvez por isso a chuva seja tão bela.

A reflexão filosófica em torno da arte derivou, assim, para uma ciência que fez da apreciação da beleza o seu tema fundamental. A arte passa a ser como aquele produto da atividade humana que, obedecendo a determinados princípios, tem por fim produzir artificialmente os múltiplos aspectos de uma só beleza universal, apanágio das coisas naturais.

A arte, enquanto processo produtivo, formador, que pressupõe aquilo que ordinariamente chamamos de técnica, e enquanto atividade prática, que encontra na criação de uma obra o seu termo final, é *póesis*, e acompanha os passos do homem como o vento impulsiona a chuva por entre as brechas mais estreitas da história da arte.

O homem pré-histórico já usava da arte para se expressar. Há feras por todos os lados nas paredes das cavernas, animais que esses homens encontravam e registravam. Através dessas pinturas os homens pré-históricos adoeciam, se conheciam, conversavam, aprendiam, viviam. As pinturas nas paredes eram as cortinas desses homens, alicerces que registram toda a história de um povo que estava aprendendo a aprender.

A arte custou um tempo enorme para ser inventada. Demorou algo em torno de 60 mil anos. A conta é feita da seguinte forma: do ponto de vista anatômico, o homem moderno tem pelo menos cem mil anos. O problema é que, durante a maior parte desse tempo, ele permaneceu na África ou no Oriente Médio. E, nesses lugares, aparentemente, não houve uma explosão artística, nos moldes da que aconteceu na Europa, há 40 mil anos. Por que tanta demora? A arqueóloga Olga Soffer, da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, tenta explicar à revista *Superinteressante* esse fato, desconversando: não existe ainda uma explicação.

Como muitos outros cientistas, Olga acredita que a arte foi uma consequência natural da evolução das sociedades primitivas. Elas se tornavam maiores, reunindo populações cada vez mais numerosas. Sua tecnologia ficou mais sofisticada e as trocas comerciais eram feitas com frequência

crescente. Tudo isso serviu para abrir a cabeça dos homens, raciocina. Sociedades maiores, mais complexas, dependem muito da comunicação. E arte é comunicação do mais alto grau.

As pinturas das cavernas foram uma revolução cultural que aconteceu na Europa, há cerca de 40 mil anos. Mas as suas raízes estão enterradas na África, e começaram a crescer há mais de cem mil anos. Batendo contra pedra, a humanidade aprendia a esculpir. Um pouco mais adiante, aprenderia a pintar. E as tintas correram sobre a terra, sobre o gelo e a neve da era glacial até a época atual. Tintas colorem mundos, colorem cortinas... persianas agitadas sedentas por descobertas.

Entender arte como expressão requer uma distinção entre o que seja arte para adulto e o que sejam atividades artísticas realizadas por crianças e adolescentes. A arte-educadora Maria Lúcia de Carvalho Mendes explica que a palavra arte remete o pensamento das pessoas a obras-primas, museus, pinacotecas, teatros, orquestras, história... No campo pedagógico é outra a conotação. Ela explica que a designação: expressão plástica, musical ou corporal, não é fortuita. Indica o objetivo pelo qual é proposta; não se visa à formação de artistas, mas sim desenvolver o potencial criador de cada indivíduo. "À sua maneira, cada criança cantará, dançará, falará, movimentar-se-á. Na garantia dessa individualidade e espontaneidade, nada se estabelece com esquemas ou fórmulas que limitem a realização dos alunos, bloqueando a sua capacidade criadora", explica Lúcia.

Ela faz suas as palavras de Viktor Lowenfed, um autor que admira, quando fala que as manifestações artísticas iniciadas nos primeiros anos escolares podem significar a diferença que existe entre indivíduos criativos e felizes e outros que, apesar de toda capacidade, continuam, às vezes, desequilibrados e encontram dificuldades em suas relações com o próprio ambiente. A arte pode construir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções. Pode tornar-se como um apoio que as crianças procuram naturalmente – ainda que de modo inconsciente – cada vez que alguma coisa os aborrece; uma amiga à qual as crianças se dirigirão, quando as palavras se tomarem insuficientes.

Nos bastidores da criatividade

Um rosto grande, marcado pelas pinceladas das sobrançelhas grossas e pelos poços dos olhos escuros. Porém, o mais notável é o sorriso divertido nos lábios singelos. E assim ela profere suas palavras com a calma dos deuses. Para a professora Raquel Alvarenga Sena Venera, a arte tem um sentido tão amplo que se torna impossível conceituar em apenas uma frase. Arte seria, para ela, o conjunto de todos os signos que envolvem uma cultura. É uma forma de representar a cultura de um segmento humano. "Cada grupo tem a sua cultura e as suas necessidades. Então a educação será uma forma de moldar as pessoas a determinado grupo e conceito", diz Raquel.

Ela nasceu há 25 anos, em Belo Horizonte - MG, e conta que desde criança começou a se interessar pela arte. Estava sempre atrás de alguma coisa para inventar, vivia tricotando ao lado da mãe, gostava de bordar, rasgar papel, amassar argila... A arte sempre foi sua paixão.

Aos oito anos, em 1982, seu pai lhe deu de presente um piano, que passou a ser uma ramificação do seu corpo. Sua história tem tudo a ver com aquele piano, pois os dois cresceram juntos, e ele era seu inseparável companheiro de longas conversas, aquele amigo que nunca contava nada para ninguém, guardava seus segredos mais secretos e seus depoimentos mais íntimos. Assim como é preciso ter ouvidos de crianças para ouvir o ballet das persianas, é preciso ter alma e cor de criança também para saber o que esse piano tem para contar. Como ficou muito envolvida com a música, Raquel admite não ter sido estimulada para a dança. "Eu fazia aquela arte de ficar parada, então o movimento, na minha criação, faltou", lamenta.

Mas o piano sempre a acompanhou por todos os seus caminhos mais sinuosos. Ao se inscrever no vestibular, não havia outra opção martelando seu coração: seria Belas Artes. Fez, passou e agradeceu ao amigo. Infelizmente não pôde concluir o curso tão sonhado, pois quando casou e mudou para Santa Catarina, teve um choque ao se deparar com a

falta de uma faculdade que dispusesse desse curso em Itajaí. A mais próxima estava em Blumenau, mas era de licenciatura curta e não plena. "Então decidi fazer a minha segunda paixão, que é história", conta. "Na verdade, tenho quatro paixões: arte, história, arquitetura e educação. E consegui direcionar meus estudos de uma maneira em que essas paixões estão todas envolvidas: a arquitetura, como símbolo de arte da construção da história do homem". Raquel vai dissertando e desabrochando sua vida para um gravadorzinho preto, meio sem graça, que está sujeito a saber mais histórias que as cortinas que nos cercam. Mas parece não se importar, já que preto também é a cor das teclas do seu piano que descansa tão longe, esperando o toque dos seus dedos a qualquer hora, em qualquer tempo.

Para ela, quem exerce a atividade de professor está realizando uma verdadeira prática de cidadania e, ao ensinar com arte, ou através da arte, a criança tende a aprender com mais facilidade os outros conteúdos. "Quando se tem arte pela arte, ela é apenas mais uma matéria que você tem de engolir do professor. Se você vê a história da humanidade, o homem sempre marcou seus passos através da arte. Se você pega um grupo social, vê que ele tem seus valores pelos seus signos. Então se o professor trabalha com seus alunos toda essa relação, vai sensibilizá-los muito mais rápido". É como tocar uma canção, o dedilhar das notas torna-se tão completo que não se reconhecem mais as notas sozinhas, os bastidores, só uma sinfonia intensa de cores.

Durante mais de um ano, Raquel lecionou para as crianças do jardim da pré-escola do CAU e, admitindo aplicar diariamente a arte na educação infantil, conta que quando se consegue sensibilizar os alunos partindo dos seus próprios interesses e concretizando os significados desses, dá-se margem para o surgimento de outros significados, de outras questões muito mais amplas e concretas, que seria a interdisciplinaridade.

O professor José Matarezi explica que não é apenas importante trabalhar a arte na educação infantil. "É fundamental e essencial devido ao seu grande poder de revelação. A arte tem um poder de transformar muito mais do

que a ciência", explica Matarezi, que é oceanógrafo e trabalha no laboratório de Educação e Direito Ambiental da Univali, como bolsista do CNPq.

Para ele, a arte, no desenvolvimento infantil, tem inúmeras possibilidades. Com duas dimensões pode-se trabalhar com o papel e, com três dimensões, com massinha de modelar, argila, papel machê etc., mesmo com papel pode-se trabalhar com três dimensões, como é o caso do origami – papel dobrado – essa é a parte interessante porque foge um pouco da linguagem alfabética, sem se distanciar totalmente. "A arte permite refletir com desenvoltura e fugir dos padrões impostos pela sociedade. A arte é e vai ser sempre interdisciplinar, por si só, porque naturalmente trabalha com o conhecimento, o sentimento e a ação". Fascinado por fotografia, Matarezi explica que ser criança é viver a vida sem preconceitos, é levar a vida brincando no sentido mais belo da palavra, é ser um descobridor e se maravilhar com as descobertas. Assim como a educação ambiental, que permite criar e experimentar com vários materiais, fugindo dos padrões.

No cenário da arte educação

Em 1948 um artista da vida criou um lugar encantado para suas crianças fazerem arte. E chamou o lugar de Escolinha de Arte do Brasil. A escolinha cresceu, virou gente, e se espalhou pelo mundo. Fez artistas e mais artistas, brincou e cresceu com as crianças e tornou-se importante na vida de muita gente. Para uma educação perfeita é preciso conhecer individualmente cada criança. A arte é um meio de expressar as realidades mais subjetivas. Por esse motivo, Augusto Rodrigues, pintor, caricaturista, jornalista, artista plástico e homem do mundo, criou a Escolinha de Arte do Brasil. Para que, através das manifestações artísticas mais variadas, cada criança mostrasse claramente os problemas particulares e os professores pudessem, com segurança, orientá-las. Augusto Rodrigues tomou a coisa a sério. Lutou, brigou, foi

incompreendido e compreendido até o ano de sua morte, 1993. E construiu, com suas idéias, um patrimônio para suas crianças. A proposta de Augusto Rodrigues, visando renovar métodos de educação, através do desenvolvimento da capacidade criadora, originou-se de um grande sonho proveniente de todo seu processo de formação, marcado por sua primeira experiência escolar. Sua primeira escola, tremendamente repressiva, onde imperavam processos de humilhação, impossibilitava quaisquer aspirações do aluno de expressar-se, comunicar-se, relacionar-se humanamente; desrespeitando-se completamente as características individuais do aluno, sua forma de ser e de viver.

O contraste existente com a vida fora da escola, de sonhos, fantasias, brincadeiras, liberdade, fortemente presentes em Augusto, fazia-o reagir, mostrando seu inconformismo e conseqüente inadaptação à escola, acabando por ser expulso de várias delas. Inquieto e inconformado com os processos de educação, visitava várias escolas, conversava com professores, na tentativa de encontrar alguma que lhe oferecesse coisas melhores ou que esclarecesse suas indagações quanto ao educar e o aprender. Alguns desses professores influenciaram na formação de Augusto; portanto, esta marcou-se profundamente pela liberdade da vida que levava fora da escola, tendo plena consciência de sua importância na educação do ser. Segundo a professora Ane Fernandes, Augusto Rodrigues criou o movimento "Escolinha de Arte" na década de 30, logo depois da Semana de Arte Moderna no Brasil. Ele também fundou escolas na Argentina e em outros países da América do Sul. "As crianças mesmo que deram esse nome, "Escolinha de Arte", por esse ser um lugar diferente da escola formal que elas freqüentavam. Assim, as crianças começaram a dizer que iam para a "escolinha", por isso o diminutivo", conta Ane, que é professora especialista e artista plástica. Ela fala que desde menino, determinava-se em Augusto Rodrigues, embora de forma imprecisa, a necessidade de fazer alguma coisa para mudar, para transformar a educação em um processo de liberação do homem, de forma que este conseguisse viver em harmonia.

Para ele, a educação fluiria naturalmente se a relação professor-aluno estivesse envolvida num processo de aprendizagem.

Foi uma experiência importante e pioneira, em pedagogia infantil, a criação da Escolinha de Arte. Antes dela, quase nada havia em educação artística infantil. A arte se manifesta de modos diferentes em cada um. Por isso, nas escolinhas, a criança desenvolve a arte que mais de perto ela sentir. A música ou a pintura. A escultura ou a dança. Cada criança é um mundo à parte, que deve ser cuidado especialmente.

A arte educadora Márcia d'Ávila diz que a arte é uma manifestação universal de a pessoa existir durante a vida. "É a forma universalmente consagrada de homens, mulheres e crianças expressarem a sua existência e se comunicar". Formada em Pedagogia com especialização em psicologia da educação, Márcia trabalha numa abordagem psicopedagógica de sistema de aprendizagem vivencial em arte. Desde pequena, bem pequena, dava umas fugidas dos estudos, ficava no sótão e ficava desenhando em papel pardo e com lápis crayon, muito criativa na hora de enfeitar as bonecas. "Minha mãe sempre me deixou muito solta e o meu potencial se desenvolveu muito espontaneamente por causa dessa possibilidade, desse espaço, dessa permissão..."

Ela lamenta que hoje em dia a maioria das crianças não tenha esse espaço e nem tempo para criar. Os pais também não colaboram muito, pois acabam, com seus limites, introjetando nas crianças o receio em extravasar. "Os pais dizem — Não inventa, menino! Pára de inventar! — e podem causar uma parada no desenvolvimento do potencial criador dos seus filhos."

Para Márcia, quando se trabalha arte com as crianças, se acompanha todo o processo de desenvolvimento desses pequenos seres. "O processo de criação respinga na gente, nos nossos desejos, nas nossas atitudes, no desenvolvimento do senso crítico e da percepção de mundo que temos".

Márcia administrou uma escolinha de artes durante sete anos. A idéia inicial foi de duas professoras que chegaram em Itajaí e decidiram criá-la. Como não davam conta da

demanda e da parte financeira, foram à prefeitura pedir um convênio e uma professora que ficasse à disposição da unidade em tempo integral. E foi aí que a Márcia, então funcionária da prefeitura, entrou na história. “Sabe aquelas professoras que ficam na escola só para cuidar das festas? Era eu quem tinha essa função, na prefeitura. Quando surgiu o convite para ficar à disposição da escolinha de artes, nem pensei duas vezes”, conta entusiasmada por lembrar os bons tempos.

Com a mudança para outra cidade das professoras que iniciaram o trabalho, Márcia assumiu de vez o comando da escolinha e a transformou em municipal. Ela conta que todos os lugares estavam trabalhando com essa coisa de escolinha de arte naquela época, entre 77 e 84, e ela foi fazer estágios em outros estados, buscar arte educadores de outras cidades para dar palestras na sua escolinha.

Com os Festivais de Inverno, um grande movimento cultural que aconteceu naquela época em arte-educação, o criador das escolinhas de artes do Brasil, Augusto Rodrigues, veio lhe visitar. “Foi muito lindo, nós estabelecemos uma relação de troca, de amizade mesmo entre mestre e discípula. Ele me mandava publicações e a gente atualizava o conhecimento”. A partir daí, a escolinha explodiu na cidade: de 16 alunos, passou para 105. Era uma escola aberta, os pais pagavam o equivalente a cinquenta centavos ou um real, se fosse hoje. E quanto às crianças da periferia, os professores iam buscá-las para participar de graça. No começo, Márcia conta que era a expressão pela expressão, tudo muito livre e, quando a escolinha passou a trabalhar as linguagens artísticas mais especificamente, sistematizando o conhecimento, o movimento diminuiu bastante porque as crianças foram percebendo que não eram só brincadeiras. Mas a mudança qualitativa foi radical.

Segundo Márcia d'Ávila, a escolinha de arte é um espaço diferenciado da escola regular. “Eu tenho uma preocupação muito grande quando vejo que muitas escolas só querem saber de a criança manifestar seu desenho numa folha branca, quando só fazem uma reprodução de técnicas aleatórias. É uma ocupação de espaços, uma fazeção de coisas”, lamenta.

E acrescenta que muitas professoras apenas fazem aquele monte de trabalhinhos que até trazem algum impacto porque as experiências são bonitas, mas em nível de aprendizagem não valem nada. "Muito pouco acontece no desenvolvimento da criatividade, o que acaba acontecendo é a criança ter uma referência da sua manifestação criativa de uma forma muito racional. Fica só na técnica, no fazer, fazer, fazer, na produção e, além de tudo, na competição. Qual é o mais bonito, quem vai para a exposição. Faz muito só para o dia das mães, dia dos pais, dia dos professores, dia da criança, páscoa, natal... Assim, a arte não é usada como um momento de desenvolver a criatividade. Isso gera conflitos nas crianças, muito pouco acontece no desenvolvimento da criatividade, fica uma manifestação criativa meramente racional. O objetivo da arte na escola é desenvolver o potencial criador da criança". Apesar de trabalharem fora do sistema educacional, as escolinhas influenciam-no profundamente, trazendo resultados bastante positivos ao processo de ensino em geral.

Ela explica que quando começou a ser introduzida na escola, a arte era totalmente voltada para produzir técnicos que soubessem e tivessem habilidades para fabricar e criar armas, produtos, máquinas, na época das guerras, para mão de obra. A escola tinha o objetivo de desenvolver a habilidade motora e visual de produzir técnicos, de desenhar, de produzir sem pensar. Teve esse momento. Depois teve um movimento que podia tudo, não se queria mais aquela coisa técnica da forma, da produção, se queria a expressão, a livre expressão.

A livre expressão resgatou a essência da arte que é desenvolver o prazer. "Senão, que espaço teria a criança de expressar seus sentimentos senão num consultório terapêutico ou psicanalítico?", questiona Márcia. Então a arte nasceu, enquanto arte-educação para trazer à escola um sentimento. "A escola há de perceber que a arte-educação é um espaço onde a criança pode expressar seu sentimento pelo mundo e só aí ela irá produzir".

O método, o qual Márcia diz ser o ideal para que a aprendizagem não seja imposta, mas que possa fluir e nascer junto com os interesses das crianças, é um método que não é reconhecido, digamos assim, como acadêmico. "Muita gente

já trabalha dessa forma. Eu fiz uma formação. É um método de vivências criativas que tem todo um amparo de teorias. Aliás, é mais que um método, é uma práxis. Diferenciamos a prática da práxis quando ela tem todo um suporte teórico, um suporte filosófico e uma metodologia. A prática não, a prática é só técnica". Então essa abordagem tem todo esse suporte. A aula acontece numa sequência de atividades que vai mobilizando a criança, mobilizando seu potencial de criatividade. Não se pode mobilizar o potencial de criatividade de uma pessoa dando só o modelo ou dando só uma técnica. A aula passa por um aquecimento temático: o professor fala do que vai trabalhar no dia, apresenta a aula e começa a mobilizar corporalmente, sensorialmente, fala do material que vai utilizar, do tema. Quando há a experiência técnica no trabalho, a produção fica super interessante. "Ninguém cria sem estar mobilizado para isso. As linguagens a gente chama assim, de expressão plástica, expressão cênica, expressão musical e redação criadora".

A redação é uma linguagem artística. Para trabalhar a redação criativa com as crianças, fala-se do tema, explora-se tudo. Não é só chegar e impor: façam uma redação sobre primavera! Mas sim trazer uma música, trabalhar com cores e ir instigando outros sentidos, sair para ver o jardim, fazer movimentos do despertar das flores.... todo o corpinho da criança estará mobilizado, estará fervendo, querendo, ávido por expressão. Então será uma expressar criativa, quando o professor, depois de todo esse trabalho, falar: agora vamos escrever uma redação sobre a primavera. "Quando entramos em contato com o elemento, temos uma sensibilização e produzimos, o potencial acorda. As crianças começam a expressar opinião. A arte tem essa possibilidade e as pessoas acham que é só fazer quadro e pendurar na parede. Mas é conhecer o meu mundo interno e conhecer essa dimensão com as pessoas".

Márcia fazia esse curso de especialização em Brasília que não é reconhecido pelo MEC. Ela viajava duas vezes por ano, fez monografia e tudo. Muitas pessoas já estão defendendo trabalhos nessa área de vivências criativas. Quando fez a pós graduação em psicologia da educação, seu

tema foi: "Como a educação artística na escola pode desenvolver ou inibir o potencial de criatividade da criança". Ela acredita que só reproduzir talvez até não iniba, mas que fica na mesma, fica. A percepção só se desenvolve quando os olhos vêem além do que está ali. A aula é planejada dentro de princípios norteadores, com todas essas referências teóricas coerentes.

Márcia também ministra cursos para a terceira idade. "Para esse que estou preparando agora, vou ensinar aquela técnica de emergir o papel na água com gotas de tinta à óleo e deixar o papel colorido". Mas não só deixar o papel colorido, é toda uma sensibilização que ela faz. Escolhe uma música legal para colocar na abertura com dois dias de antecedência. Uma música que possa relaxar, sensibilizar as senhoras. Não há tempo hábil para trabalhar técnicas de pintura. O tema é a imersão e o elemento é a água. A tinta tem movimentos redondos na água. Então, a sensibilização tem de ser coerente com a técnica que vai ensinar. Márcia trabalha com movimentos redondos, escolhe uma música que mexa com os braços, ombros, quadris, pescoço e pés, sempre falando da referência da água. Faz com que as alunas imaginem-se jogando uma pedrinha na água. "Assim, quando eu apresentar o material, elas já estarão preparadas, já reconhecem o material, as técnicas, o movimento, porque elas foram sensibilizadas para isso". Durante o curso, Márcia sempre fala do descomprometimento. Não tem de sair tudo perfeito sempre. As pessoas produzem em silêncio, sem ansiedade. A técnica aparece na hora em que os alunos já estão sensibilizados.

A professora Márcia explica que o embasamento teórico dessa aula é a onda da energia vital de Reich, onde a onda energética acontece num fluxo de energia que começa a mobilizar, chega num clímax e depois há a descarga. A sequência é assim: tem a mobilização, a experimentação, a iluminação e avaliação. A aula tem de passar por esses quatro níveis. Iluminação é a produção.

No final ficam todas as alunas em roda e é realizada uma avaliação. Os trabalhos são expostos e todos vão olhar o seu produto. O professor faz com que as pessoas lembrem

do processo, questionando sobre as etapas, falando sobre o que mais gostou, se colocou muita água, se rasgou o papel... Então o professor devolve o processo ao aluno e este aprende. A escola deveria usar isso em todas as aulas: devolver o processo, questionando. Não é impor: – Olha! Não pode botar muita água! “A complexidade é grande, apesar de ser bem simples a metodologia. Tem de saber o momento propício, saber trabalhar, orientar, saber como tratar as crianças, além de ter o cuidado na hora da apresentação. Também deve-se saber como a classe está, se está mais para a matemática, mais para outras áreas e aproveitar essa deixa. Se estão no momento de aprender ciências, o desenvolvimento do corpo. A arte está para interagir com todas as áreas”.

Ela conta que muitas escolas ainda adotam a Metodologia Triangular, implantada pela professora Ana Mae Barbosa, uma crítica de arte que trouxe essa metodologia dos Estados Unidos. “É uma regressão de tudo o que se conhecia e se fazia de arte, desde o século passado”. É um trabalho de releitura sobre as obras de arte, onde os professores fazem perguntas muito em nível de idéias, racional, para crianças com idades a partir de três anos. Chega um ponto em que os professores perguntam para as crianças o que eles gostariam de mudar na obra. “É uma invasão na obra do artista. O que eu vejo é uma parede cheia de Picasso... muda a cor, um detalhe... só não é um xerox porque eles conseguem convencer a criança a escolher uma coisinha para mudar. O que eu penso de releitura é você interagir com a obra de uma forma lúdica com a criança em nível de sensação, de sentimento”.

A professora Ane Fernandes explica que essa metodologia triangular trabalha com o cognitivo, e não com a livre expressão. E conta ainda que a professora Ana Mae Barbosa abominava, na época, o fazer por fazer. “Hoje ela já acha que deva existir um equilíbrio, mas quando iniciou com essa metodologia, defendia e acreditava que, para conhecer arte, era necessário levar as crianças aos museus e trabalhar com a releitura”. Segundo Ane Fernandes, hoje em dia já existe uma tendência que o artista plástico Ruy Kronbauer está desenvolvendo em nível de mestrado, que é a Metodologia Circular. Há a valorização da livre expressão e do

conhecimento juntos, numa harmonização da qualidade. Assim, o aluno seria estimulado a desenvolver o seu potencial criador, tornando-se um ser autêntico. A criança descobre seu potencial artístico de forma instintiva, cabendo ao professor a tarefa de apenas sugerir a criar atmosfera favorável que induza a criança a exteriorizar sua fantasia interior. "Criando-se tal atmosfera, a criança passa a ter mais confiança em si própria". Ela conta que o objetivo do professor é proporcionar às crianças ambiente favorável ao seu desenvolvimento promovendo os meios e as oportunidades para a aprendizagem de diversas artes sem anular-lhes a iniciativa com disciplinas e teorias.

Alternativas para a arte nativa

Na frente de seu calendário muito louco, a professora Ane Fernandes fala que não está mais dando aulas em escola formal. Se afastou da escola há uns cinco anos. Em 1988 fundou a Associação de Arte Educadores do Estado, preparando professores para trabalhar com arte educação. "Da arte-educação, é impossível me afastar totalmente. Quem acredita que é importante educar através da arte, não consegue se afastar desse trabalho". Vê-se isso no seu local de trabalho: esculturas, porta-retratos artesanais, cadernos reciclados, folhas e mais folhas por sobre a mesa, um quadro abstrato maravilhosamente composto com cores, e esse calendário. Todo feito de papel reciclado, cores, materiais, arames, terras, brilhos, luzes, riscos e os meses, pois é, os meses... Todos espalhados, impressos ao contrário, bem coisa de artista.

Ane foi diretora da Escolinha de Arte de Florianópolis e fez especialização na Escolinha de Arte do Rio de Janeiro. A especialização tinha uma carga de quase quinhentas horas, mas não era reconhecida pelo MEC porque não havia cursos acadêmicos de arte no Brasil. Então, Ane fez especialização em Filosofia e diz ser incrível como nota-se em determinadas épocas históricas o corte na arte e na filosofia. "Se aprofundarmos nossa pesquisa, vemos que o realmente

importante na educação é a arte e a filosofia. As outras matérias são importantes, é claro, são áreas de conhecimento, mas não mexem com a sensibilidade, não mexem diretamente com o espírito. E essas duas áreas vão direto ao âmago da pessoa", exprime-se Ane, através de seus gestos delicados.

Em cima do seu arquivo, descansam presentes, pequenas artes que a inspiram e me inspiram, já que a cortina é falsa, são as tirinhas do ar condicionado. Através das janelas, umas árvores brincam de roda no vento lá fora. Enquanto disserta sobre sua vida de arte e educadora, Ane cita um manifesto de Herbert de Souza, o Betinho, que ele escreveu sobre cultura quando o governo acabou com o Ministério da Cultura, na época do então presidente Fernando Collor. Segundo Betinho, é comprovado cientificamente que a hora em que a cultura de uma comunidade finda, acaba também a força dessa comunidade. Foi realizada uma pesquisa na Universidade de Brasília onde chegou-se à conclusão de que a partir do momento em que o homem entra numa tribo indígena, por exemplo, aquela tribo resiste sete anos e acaba, desestrutura. Começam as doenças, os índios perdem suas resistências, não têm mais força. Acaba a cultura, acaba tudo. "Não estamos acostumados a enxergar o óbvio, estamos sempre buscando, buscando e as coisas estão, na verdade, dentro da gente, nos valores da gente, na cultura da gente", diz a professora.

Ela ainda se anima ao ver que algumas pessoas que trabalham com educação até se preocupam com isso e acredita estar havendo uma volta para a valorização da cultura. "Vejo isso na própria LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – que agora exige as aulas de Educação Artística no currículo". Mesmo com aulas de Educação Artística obrigatórias no currículo da educação infantil, a escola esbarra com algumas dificuldades e a educação torna-se um círculo vicioso que não consegue sair do lugar comum. "Por mais que a educação artística seja obrigatória, há um certo descaso com a importância da arte na escola. Já vi escolas onde as aulas de educação artística eram ministradas pela senhora que limpava a escola e sabia fazer algum tipo de artesanato". Ane lamenta o fato de muitas escolas tomarem atitudes como

estas, e lembra que uma vez, no Rio Grande do Sul, uma professora pintou o rosto das crianças com guache e não sabia que uma das meninas tinha alergia. Ela teve de fazer até plástica no rosto e hoje em dia a professora não pode mais lecionar. Esse é um problema sério que os professores enfrentam. Mesmo tendo a maior boa vontade e sensibilidade, existe um desconhecimento grande do material utilizado em sala de aula. Pegar plantas para fazer pigmentos coloridos é válido, mas esquece-se que certas plantas são venenosas e podem até matar. "Enfrentamos uma série de dificuldades, não por desconhecimento da área Educação Artística, mas dos objetos e materiais envolvidos nesse processo".

Para ela, a educação através da arte é a educação mais completa, principalmente para as crianças, porque é inerente ao homem. A arte foi a primeira manifestação de comunicação do homem. E isso até hoje. "Às vezes fico pensando como é que algumas escolas ainda funcionam sem motivação. Não vamos a muitos lugares, não temos uma visão ampla de mundo".

Ane tem um exemplo real de uma profissional que exerce seu trabalho através da arte, a psiquiatra Nise da Silveira. Nise se formou em medicina, depois fez especialização em psiquiatria e começou a perceber que se ela trabalhasse através da arte, buscaria mais rápido uma resposta, conseguiria acalmar os pacientes, valorizá-los, buscar a auto-estima e até curar. Trabalhando dessa maneira, Nise fundou o Museu do Inconsciente, no Rio de Janeiro. No Brasil, ela quase não é reconhecida, já na França, foi construído um hospital onde foi colocado o nome dela, e poucas pessoas a conhecem. "Sabemos que um bom profissional deve interpretar em seu trabalho. Um bom advogado é aquele que interpreta bem diante do tribunal, mas ele não diz que está fazendo teatro, não é mesmo?"

Um professor amigo de Ane falou certa vez sobre o que ele chama de "clube da incompetência". Todos estão presentes, ninguém fala nada, mas todos são cúmplices da acomodação. Se alguma pessoa resolve mudar alguma coisa naquele clube, as outras abafam de tal forma que não há como mudar. "Elas acreditam que seja muito mais fácil se

acomodar do que reagir e inovar. Daí a acomodação faz com que as pessoas tenham uma visão meio retorcida das coisas".

Ane Fernandes está trabalhando na UNIVALI há menos de dois anos, na coordenadoria de extensão, junto com a professora Arlete Soprano, coordenadora de extensão. Ela está na universidade para ajudar a desenvolver projetos ligados à arte. O projeto Muro da Arte é dela com o apoio da UNIVALI e da Fundação Cultural de Itajaí e tem por finalidade estimular a produção e o conhecimento das artes em Itajaí, proporcionando a integração Universidade / Comunidade / Poder Público. As intervenções artísticas são feitas nos muros da UNIVALI, divisa com a Avenida Contorno Sul. Nascida nessa mesma cidade, Itajaí, Ane ficou fora por vinte anos. Quando criança, adorava brincar com a argila que tinha em casa e nas ruas, que eram calçadas com esse barro branco. Quando adolescente, cantou e tocou bateria numa banda que não durou muito. Depois de conhecer o trabalho desenvolvido na faculdade de Florianópolis, se mandou de mala e cuia para a Ilha da Magia. Lá, trabalhou na Escolinha de Arte e, após a formatura, mudou para o Rio de Janeiro para fazer sua especialização, durante um ano. Ane, que tem uma rosa escondida no nome, adora pinturas, mas prefere os volumes e já fez várias exposições de obras de arte. Rosane ficou alguns meses em Londres e confeccionou uma escultura para a inauguração de uma galeria.

Atualmente, prefere se dedicar a trabalhos de extensão a lecionar no ensino superior, mas acredita que acabará voltando ao magistério acadêmico, pois ainda acredita que essa é uma área apaixonante. Na coordenação de extensão, são desenvolvidos vários projetos, um deles é o realizado dentro do presídio de Itajaí, com as detentas da ala feminina. Está sendo construída uma sala onde funcionará uma oficina de reciclagem de papel. O amparo tecnológico é dado pela professora Zuleica Medeiros, de Florianópolis. Ela fez um trabalho tão importante de dezoito anos de pesquisa na UnB – Universidade de Brasília – que foi criada uma cadeira na universidade chamada "pesquisa de materiais". Ela conseguiu desmitificar a indústria, com estripulias com plantas e terra

que se iniciaram nos anos 70, ao constatar que o ensino de Educação Artística na rede pública era limitado pela escassez ou pelo preço dos materiais. Então ela revirou livros de botânica e manuais de História da Arte em busca de alternativas, e descobriu um mundo novo na natureza. Com terras, plantas, serragem, pó de café e outros materiais simples, Zuleica prepara em grandes quantidades todo tipo de tintas, pincéis de variados efeitos e diferentes massas, que servem para modelar desde jogos de dominó até imponentes personagens do boi-de-mamão catarinense. "O material é o limitador ou o libertador de idéias", diz ela para a reportagem da Revista Nova Escola. Mostrando como transformar terra em tinta ou cobrindo de gesso uma caixa de papelão para criar uma superfície, essa professora gaúcha dá cursos pelo Brasil inteiro.

Zuleica e Ane se encontraram em determinada época de suas vidas e começaram a trabalhar juntas, ministrando cursos de arte educação, primeiro aberto a professores e depois à população em geral. As duas viajavam com sete caixas de materiais cedidos pela Secretaria de Cultura do Estado. Juntas, mapearam o Estado de Santa Catarina inteiro e as capitais do Paraná e Rio Grande do Sul. Em cada curso, atendiam uma média de cem pessoas. Ao final, já tinham atendido perto de cinco mil professores, médicos, psicólogos e outros profissionais. Elas faziam reciclagem de vários tipos, inclusive de papel, trabalhavam com sensibilização corporal e criatividade, além de fabricarem todos os materiais usados em sala de aula nas aulas de Educação Artística. Elas iam a lugares onde as escolas eram muito pobres e não tinham como desenvolver trabalhos de arte-educação porque tudo era muito longe, ficava difícil para as pessoas trocarem informações. Faltava o "como fazer", então elas incentivavam a pesquisa desses professores.

Ensaio da educação infantil

O ouro moderno é o conhecimento. Cada um, seja ele educador ou criança, é dono de seu conhecimento e o guarda numa caixa tão bem fechada que ninguém lhe pode roubar. Mas esta caixa tem portas. São os olhos, a boca, os poros... Só conhecemos a metade da alegria quando adquirimos um conhecimento, pois a alegria plena só é obtida quando se coloca em prática esse saber adquirido. Aprendemos com a natureza, com os animais, com as obras de arte, com as poesias, com a tempestade, com o fenômeno, com as músicas, filmes, cortinas, peças teatrais... Todos os fatos aprimoram nosso conhecimento.

No início da vida escolar, a criança vive seu primeiro conflito, que é conviver em um grupo bem diferente de seu grupo familiar. Agora, ela terá de aprender a dividir espaços, brinquedos e atenção, iniciando uma vida cooperativa; construindo e compreendendo a necessidade e o valor das atitudes democráticas, de respeito e solidariedade pelo próximo. "A criança possui potenciais e habilidades a serem desenvolvidas, e existem tempos diferentes para que isso ocorra. As trocas favorecem o crescimento tanto grupal, quanto individual", explica a coordenadora Roberta Pimenta. Ela diz que o professor não deve apenas explicar e contar só o que ele sabe, deve estar aberto para ouvir o que as crianças sabem e discutir estas informações. Deve organizar o trabalho de forma que todos participem, exponham seus conhecimentos e novas descobertas, auxiliar na elaboração e/ou na reestruturação de conceitos e desafiar a criança a superar suas dificuldades pelo estímulo do seu potencial criador.

Esta ação cooperativa e a construção desta postura nascem, inicialmente, no grupo de educadores – como explicita Roberta – para, posteriormente, estender-se às famílias das crianças, que deverão cooperar e acompanhar o desenvolvimento da criança em conjunto com a escola. "A aprendizagem deve ser favorecida também pelo contato com o mundo, através de atividades extra-classe e pela utilização do maior número possível de recursos e experiências", completa.

Os avanços tecnológicos vêm transformando profundamente a vida humana com mudanças rápidas e profundas e o homem tem se lançado no domínio e exploração de recursos naturais. A poluição do ar e da água, o desequilíbrio ecológico, a descentralização da individualidade são algumas das conseqüências da relação que estamos estabelecendo com a natureza: de exploração para consumo. Para a professora Sueli Anacleto, o sistema educacional não escapa da fragmentação do saber, fazendo com que não apenas o conhecimento seja atomizado, perdendo suas relações dinâmicas, mas também o próprio sujeito do conhecimento seja fragmentado, na medida em que somente alguns aspectos de sua personalidade sejam considerados e desenvolvidos. Dentro da subjetividade contamos com a arte que abre caminhos para trabalhar com a imaginação. "Todo conhecimento se dá numa relação de objetividade versus subjetividade. Objetividade entendida como todo o saber sistematizado, construído historicamente pela humanidade e que deve ser trilhado e apropriado pelas novas gerações; subjetividade entendida como autonomia, o resgate do eu histórico, do eu que sonha, imagina, pensa, questiona e tem desejos. Porém, não chegamos no caminho da subjetividade sem trilharmos os da objetividade".

Refletir sobre a educação das crianças, sobre a educação do educador, sobre a formação dos cientistas, enfim, sobre a formação de um ser humano que não queira mais dominar e se sobressair individualmente, conquistando, a qualquer custo, poder econômico e político sobre outros homens, sobre outras nações; mas sim que seja capaz de conviver e participar de um processo coletivo e cooperativo, onde os recursos naturais e as diferenças individuais entre os homens e entre os povos sejam aproveitadas, sem que sejam extintas, é um desafio. "Enfrentamos, nós professores, o desafio de formar homens criativos, críticos e conscientes, capazes de dialogar com pessoas diferentes, enriquecendo-se com a diversidade, no sentido de criar soluções para os problemas atuais, que são diferentes daqueles com os quais a ciência, antigamente, se preocupava", explica a professora Cecília Warschauer em seu livro "A roda e o registro".

"Se o passado pensava em uniformidade, o futuro nos acena para a diversidade, a heterogeneidade, a interação democrática, a vida em harmonia com a natureza, a satisfação cultural, a ética e a estética e o pensamento voltado para o contexto social".

Sueli Anacleto

Cecília explana sobre a formação dos indivíduos, que diz não acontecer apenas na escola, pois outras instâncias educacionais, tais como família, comunidade, grupos sociais e a mídia têm papel significativo. "Porém, como a escola é a instância erigida pela sociedade para a educação e instrução das novas gerações, passaremos a privilegiá-la". Uma das críticas feitas ao ensino é a de não considerar o desenvolvimento global do indivíduo, dando menor relevância (ou quase nenhuma) aos aspectos afetivos, relacionais e éticos, priorizando a quantidade das informações transmitidas e o desenvolvimento racional, lógico e objetivo. Outra crítica é a fragmentação do conhecimento desde os primeiros anos culminando na profissionalização cada vez mais especializada. "De fato, forma e conteúdo andam juntos. Não há conteúdo sem forma, nem forma sem conteúdo. Assim como não há prática neutra, porque também não existe educação sem compromisso, sem conteúdo. Existe conteúdo sempre, mesmo que de forma não muito clara", explica Cecília em seu livro. Sueli emenda que é certo referir-se a conteúdo e forma, enquanto referencial teórico e metodologia, respectivamente. "Não podemos pensar em método sem fazer referência à teoria que sustenta o mesmo. Na maioria das vezes, os professores trabalham determinada metodologia sem tomar conhecimento da teoria que a sustenta", explica a professora. E continua falando que a teoria encontra-se implícita, subjacente, como teoria e ideologia da forma de aprendizagem privilegiada pelo professor.

Por que não permitir que a criança aprenda os conteúdos através da poesia da matemática, da poesia da geografia, da

poesia da linguagem? A escola deve abrir espaço para a capacidade da criança de viver poeticamente o conhecimento do mundo. Para a professora Lúcia Maria de Carvalho Mendes, o caráter, por excelência, das proposições curriculares formuladas, é a integração das áreas de expressão. A expressão dramática aglutina as musicais, plásticas e corporais. "A importância dessa integração retira-se da observação da atividade natural da criança: como brinca, joga, canta, movimenta-se, enfim, como, de diversas maneiras, se expressa numa atividade global e dinâmica", salienta. A criança conta uma história gesticulando, fazendo expressões faciais, cantando e se movimentando; reproduz cenas, fatos assistidos, idéias arquitetadas; coisas que a impressionam são reencenadas sob a forma de dramatização. Imita, reproduz, interpreta coisas, animais e pessoas. Na situação escolar, a dramatização constitui-se num dos mais eficazes recursos para desenvolver o potencial criativo das crianças, — conta Lúcia — recorrendo e integrando todos os canais de expressão: musical, plástica e corporal. Em formas mais complexas, amadurecidas e mais elaboradas, são múltiplas as situações que podem ser exploradas. "Acontecendo espontaneamente, a integração pode e deve ser gerada por condições que o professor crie, importando que entenda o processo dinâmico em que se constitui".

Muitas das sugestões formuladas valem-se da utilização do meio ambiente como fonte de riquíssimo material a ser explorado em atividades de expressão. Os aspectos folclóricos como danças, festas típicas, canções populares, circos... resultam em sugestões para coreografias, ritmos, melodias, construção de material visual de teor estético. Tudo se constitui em recursos a serem explorados e adaptados à situação escolar, bem como os recursos humanos existentes na comunidade, como pescador, quituteira, mágico... podem ser recrutados, propiciando-se contatos que servirão para desenvolver no aluno a atitude de pesquisas de novos materiais e de novas maneiras de expressão. "A cultura urbana também se constitui em vasto campo de motivações para as atividades de expressão, como as artes gráficas, fotografia, publicidade, teatros, cinema, televisão e esportes", explica Lúcia, e

acrescenta ainda que a música popular brasileira, como instrumento poderoso de comunicação de massa e de envolvimento com as crianças, merece enfoque no currículo.

Ela fala sobre a avaliação dos resultados. Quando estes são trabalhados com a expressão artística, assumem um caráter especial. A expressão é utilizada como um meio e não como um fim em si mesmo. Assim, o produto final da atividade expressiva não pode ser julgado do ponto de vista da sua perfeição na concepção do adulto. O que se valoriza é o processo criativo em desenvolvimento no aluno.

"Viver o lúdico na sala de aula significa abrir espaço para o prazer, considerando a educação como vida presente, sendo esta a melhor forma para se preparar para o futuro", diz a escritora Cecília Warschauer. Assim, o professor toma consciência das relações entre o que pensa e o que faz, entre suas intenções e realizações, aproximando teoria e prática pedagógica. É um movimento dialético, pois toma a prática pedagógica como sua matéria e devolve à prática uma ação pedagógica mais lúdica, coerente e justa. É um pensar na ação, que possibilita ao professor articular os objetivos mais gerais da educação escolar e a realidade concreta de seus alunos.

Cecília entende que um projeto interdisciplinar não é aquele que integra o maior número possível de áreas do conhecimento, mas aquele em que essa integração se faz através do sentido que esse conhecimento tem para a criança que o busca e o constrói. É através desse sentido pessoal (ou grupal) que nos tornamos autores e "autoridade", isto é, capazes de crescer, de fazer brotar.

Para a professora Sueli Anacleto, currículo é uma manifestação deliberada de cultura via escola, cuja essência consiste no entrelaçamento do desvelar da história do eu individual com os desvelar da história do eu coletivo. É um ir e vir do particular para o universal. Ela defende a idéia de um currículo aplicado à escola que siga as tendências do paradigma dinâmico-dialógico, elaborado pelo professor Luiz José Domingues. Ela explica que, segundo esse professor, esse paradigma de currículo inspira-se no enfoque praxiológico e assenta-se sobre três premissas básicas:

- a) O currículo não pode ser separado da totalidade do social, deve ser historicamente situado e culturalmente determinado;
- b) O currículo é um ato inevitavelmente político que objetiva a emancipação das camadas populares;
- c) A crise que atinge o campo de currículo não é conjuntural, ela é profunda e de caráter estrutural.

Sueli explica que o currículo deve estar preocupado com os atos políticos necessários para a transformação do social. O objetivo catalisador de sua ação é auxiliar os alunos a refletirem criticamente sobre as forças que modelam suas vidas e sobre os mitos que lhe são passados como verdades. Objetiva, pois, a desmistificação dos conteúdos curriculares. "Para darmos conta do entendimento sobre currículo, temos de pensá-lo numa visão mais ampla de educação, ou seja, como um ato de criação humana".

Ela faz referência à educação **como póesis**, defendida pelo autor Joel Martins: "Se Domingues nos explica currículo, através do paradigma dinâmico-dialógico, Joel Martins entende como fenomenológico, ou seja, perceber currículo na sua essência, como poesia... É na interlocução desses dois paradigmas que vamos construindo um paradigma que dê conta do conhecimento numa visão de totalidade".

Uma oficina de futuro

Hoje em dia, quem procura um emprego bem remunerado em empresas de sucesso, em qualquer ramo e profissão, tem de ser, antes de mais nada, criativo. Sem dúvida, um desafio, pois não se aprende ou não se trabalha a criatividade na grande maioria das escolas regulares e, quase sempre, se é desencorajado a ousar nas primeiras experiências profissionais. De acordo com o autor José Bernardo Toro, no manifesto *Códigos da Modernidade*, divulgado pela Fundação Maurício Sirotski Sobrinho, as crianças e adolescentes terão de saber comunicar-se usando palavras, números e imagens.

"Para se viver e trabalhar na sociedade altamente urbanizada e tecnificada do século XXI, será necessário um domínio cada vez maior da leitura e da escrita". São sete os Códigos da Modernidade propostos por José Bernack Toro e o domínio da leitura e da escrita é apenas o primeiro deles. Ainda nessa primeira premissa, o autor ressalta que os melhores professores, as melhores salas de aula e os melhores recursos técnicos devem ser destinados às primeiras séries do ensino fundamental.

CÓDIGOS DA MODERNIDADE

Capacidades e competências mínimas para participação produtiva no século XXI

1. Domínio da leitura e da escrita.

- Para se viver e trabalhar na sociedade urbanizada e tecnificada do século XXI será necessário um domínio cada vez maior da leitura e da escrita. As crianças e adolescentes terão de saber comunicar-se usando palavras, números e imagens.
- Por isso, os melhores professores, as melhores salas de aula e os melhores técnicos devem ser destinados às primeiras séries do ensino fundamental. Saber ler e escrever já não é um simples problema de alfabetização, é um autêntico problema de sobrevivência.
- Todas as crianças devem aprender a ler e escrever com desenvoltura nas primeiras séries do ensino fundamental, para poderem participar ativa e produtivamente da vida social.

2. Capacidade de fazer cálculos e de resolver problemas.

- Na vida diária e no trabalho é fundamental saber calcular e resolver problemas.
- Calcular é fazer contas. Resolver problemas é tomar decisões fundamentadas em todos os domínios da existência humana.

- Na vida social, é necessário dar solução positiva aos problemas e às crises. Uma solução é positiva quando produz o bem de todos.
- Na sala de aula, no pátio, na direção da escola é possível aprender a viver democraticamente e positivamente, solucionando as dificuldades de modo construtivo e respeitando os direitos humanos.

3. Capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações.

- Na sociedade moderna, é fundamental a capacidade de descrever, analisar e comparar, para a pessoa expor o próprio pensamento oralmente ou por escrito.
- Não é possível participar ativamente da sociedade global, se não somos capazes de manejar símbolos, signos, dados, códigos e outras formas de expressão linguística.
- Para serem produtivos na escola, no trabalho e na vida como um todo, os alunos deverão aprender a expressar-se com precisão por escrito.

4. Capacidade de compreender e atuar em seu entorno social.

- A construção de uma sociedade democrática e produtiva requer que as crianças e jovens recebam informações e formação que lhes permitam atuar como cidadãos. Exercer a cidadania significa:
- Ser uma pessoa capaz de converter problemas em oportunidades.
- Ser capaz de organizar-se para defender seus interesses e solucionar problemas, através do diálogo e da negociação, respeitando as regras, leis e normas estabelecidas.
- Criar unidade de propósitos a partir da diversidade e da diferença, sem jamais confundir com uniformidade.
- Atuar para fazer do Brasil um estado social de direito, isto é, trabalhar para fazer possíveis, para todos, os direitos humanos.

5. Receber criticamente os meios de comunicação.

- Um receptor dos meios de comunicação (cinema,

televisão, rádios, jornais, revistas) é alguém que não se deixa manipular como pessoa, como consumidor, como cidadão.

- Aprender a entender os meios de comunicação nos permite usá-los para nos comunicarmos à distância, para obtermos educação básica e profissional, articularmo-nos em nível planetário e para conhecermos outros modelos de convivência e produtividade.
- Os meios de comunicação não são passatempos. Eles produzem e reproduzem novos saberes, éticas e estilos de vida. Ignorá-los é viver de costas para o espírito do tempo em que nos foi dado viver.
- Todas as crianças, adolescentes e educadores devem aprender a interagir com as diversas linguagens expressivas dos meios de comunicação para que possam criar formas novas de pensar, sentir e atuar no convívio democrático.

6. Capacidade para localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada.

- Num futuro bem próximo, será impossível ingressar no mercado de trabalho sem saber localizar dados, pessoas, experiências e, principalmente, sem saber como usar essa informação para resolver problemas. Será necessário consultar rotineiramente bibliotecas, museus, publicações especializadas e redes eletrônicas.
- Descrever, sistematizar e difundir conhecimentos será fundamental.
- Todas as crianças e adolescentes devem, portanto, aprender a manejar a informação.

7. Capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo.

- Saber associar-se, saber trabalhar em equipe, saber coordenar, são saberes estratégicos para a produtividade e fundamentais para a democracia.
- A capacidade de trabalhar, planejar e decidir em grupo se forma cotidianamente através de um modelo de ensino-aprendizagem autônomo e cooperativo (Educação Personalizada em Grupo).

- Por esse método, a criança aprende a organizar grupos de trabalho, negociar com seus colegas para selecionar metas de aprendizagem, selecionar estratégias e métodos para alcançá-las, obter informações necessárias para solucionar problemas, definir níveis de desempenho desejados e expor e defender seus trabalhos.
- Na Educação Personalizada em Grupo, com apoio de roteiros de estudo tecnicamente elaborados, a capacidade de decidir, planejar e trabalhar em grupo vai se formando à medida em que se permite à criança e ao adolescente ir construindo o conhecimento.
- Nestas pedagogias auto-ativas e cooperativas, o professor é um orientador e um motivador para a aprendizagem.

Tradução e Adaptação: Antônio Carlos Gomes Costa.

Fundación Social / Autor: José Bernardo Toro - 1997 - Colombia

Fundação Maurício Sirotski Sobrinho

A arte educação em muito tem contribuído para um novo entendimento de ser humano nas suas várias formas de agir e de pensar. "Sabemos que a arte é de fundamental importância na consecução da tão propagada interdisciplinaridade e que os conteúdos programáticos passam a dispor de outras formas expositivas como teatro, música, pintura etc. dialogando entre si", explica Sueli. A aprendizagem padronizada estimula o isolamento, porque parte da necessidade de comunicação: ninguém tem nada a dizer a ninguém. Quanto mais diferente os indivíduos, mais possibilidades de transmitir uns aos outros sua experiência. Ora, se a escolha é livre, o professor não terá de usar coação para obter resultados. A escola atomiza as motivações das crianças, pondo-as em conflito consigo mesmas, solicitadas que ficam por duas forças antagônicas criadas pelos adultos: o dever e o prazer.

A distinção bem nítida que os professores fazem entre o brincar e a aula é uma prova de que só se consideram como atividade didática as tarefas compulsivas. Existe mesmo uma pressão social sobre os professores que fazem de suas aulas verdadeiras "báguetas". Muitos recusam-se a modernizar suas técnicas para não parecerem embromar sua tarefa fatigante.

Os processos fundamentais do ensino devem incluir a pesquisa enquanto dúvida e curiosidade, a observação, análise, a organização e o desenvolvimento, mas não necessariamente através de um método linear ou formal; é preciso deixar oportunidades para o instinto, o "insight", o incidental, e os conceitos visuais mentais fornecidos pela inspiração.

Em sala de aula, alguns professores mantêm velhas práticas de transmissão de conteúdos absolutamente inexpressivos e alheios aos interesses dos alunos. Outros, e não são poucos, esforçam-se para tornar significativo o processo. E há também aqueles que ficam às intervencionices das modas pedagógicas, novidades que mandam jogar fora o que se sabe fazer, como coisa superada, e anunciam soluções mágicas para as dificuldades cotidianas da aprendizagem em sala de aula. "O conhecimento, enquanto processo, significa um certo movimento de relações recíprocas entre o sujeito conhecedor e o universo a ser conhecido", explica Sueli. O professor deve ser capaz de mostrar que valores existem, explicar o porquê de sua existência e discutir com os alunos a respeito dos critérios a serem usados, de modo a tornar cada aluno responsável pelo que pensa e executa.

Assim, não seria correto dizer aos alunos que eles estão livres para criar o que bem entenderem, mas sim dizer que eles estão livres para questionar, indagar, experimentar e fazer de tudo, desde que assumam a ação reflexiva pelo que fizerem. Então, para os estudiosos do tema, defender a pedagogia baseada na criatividade é uma forma de preparar os alunos para viver em um mundo competitivo onde idéias e pessoas são valorizadas. A época em que vivemos é de divergência disciplinar, e é bem possível que a convergência desejável venha a ocorrer, sobretudo, através do estudo de temas interdisciplinares, como acontece com a criatividade.

A professora Lúcia Maria de Carvalho Mendes defende que as crianças precisam de lugares onde possam se expressar de maneira criativa. A importância de experiências práticas é que aprendemos algo com o resultado de nossa própria ação sem ter a necessidade de começar em um lugar e chegar a outro e fazer todas as coisas intermediárias necessárias para chegar lá. "Senão a criança não será criativa no futuro". E

explica ainda que colocar a mídia ao alcance da criança é uma coisa muito importante, pois a mídia ratifica a própria realidade da criança, já que esta está controlando a mídia que, em geral, é usada para controlar e manipular a criança.

Atuação em sala de aula

Todos os barulhos das risadas, dos riscos e rabiscos, dos gritos de euforia, das canções, das emoções, dos pedidos de silêncio, da sede de saber concentrados num barulho só, fino, finíssimo, nota aguda de violino. Todos os barulhos num só, o ressonar desses coraçãozinhos preciosos num eco profundo. E as luzes, também muitas, resumidas em pontos luminosos de várias cores, que pestanejam sem doer, como estrelas. Avanços e recuos de ruídos e de cores, movimento de maré. Quando as cores se dissolvem aparecem, cabeças, corpos, panos, crianças.

Através da arte, a livre-expressão se manifesta. Com as carteiras divididas em grupos, as crianças se dispersam pela sala colorida. Janelas amplas, paredes repletas de desenhos, escritos e outras atividades das próprias crianças. Cada grupo vai fazer alguma coisa. Quem quiser resolver situações matemáticas, vai para um lado. Quem quiser brincar de cientista, para outro. E assim os alunos vão se identificando com a atividade que mais lhes atrai. Quem vai terminando, troca de grupo. Todos participam de todas as atividades e todos aprendem muito.

Nas janelas das salas de aula da pré-escola do Colégio de Aplicação da UNIVALI há persianas, só que diferentes das da sala da coordenação. As persianas das salas de aula são coloridas como os desenhos das crianças, e também bailam ao vento. Mas só bailam, porque se o vento pensar em ficar mais agitado, logo vem uma professora e fecha a janela. E as persianas ficam ali, quietas, apenas observando, até que uma criança arteira venha lhe chacoalhar, após terminar o seu castelo de areia, coroando-o com um ramo de flores. Nos seus dedos de mágico, agita ao sol um prisma que dá ao

mundo as cores maravilhosas do arco-íris. A própria folha de papel que a criança acaba de animar com seus desenhos, aguarda a paleta caprichosa desse pintor para adquirir vida e esplendor, como se a criança precisasse sempre revestir a sua obra com um toque decisivo que faz as coisas mais belas do que já são.

Essa região encantada que parece ocupar um âmbito próprio não é apenas uma sala de aula, é uma parte da vida de cada um que ali fica. As crianças seduzem com o feitiço de suas fantasias e alguma coisa misteriosa da sala de aula as desprende do tempo atual e as leva à deriva por uma inexplorada região de lembranças, e elas se transformam numa poça de idéias sobre a qual fica boiando a ressonância de seus pensamentos. Nesse reino milenário do qual são príncipes, princesas, reis e rainhas, fazem como se a sala se enchesse de visitas. São as visitas dos seus dinossauros de papel-machê, suas minhocas de canudinhos, suas viagens de final de semana, que são parte de uma realidade escorregadia, momentaneamente capturada pelas palavras, desenhos e invenções.

As crianças falam a língua dos anjos. Para elas, o mundo ainda é tão recente que muitas coisas parecem carecer de nome. E daí elas criam. As crianças sabem que há um mundo maravilhoso no qual elas podem andar e explorar. Imaginam coisas que já foram imaginadas um milhão de vezes, mas para elas é a primeira vez. É a primeira vez que ela entendem que quando pegam um pedaço de argila e amassam em diferentes formatos ainda é a mesma quantidade e a mesma argila. E é essa capacidade infinitamente criadora a maior de todas as artes, aquela que leva a realizar a felicidade de espírito que dá força e intensidade a toda a vida. A arte é reveladora de um universo desconhecido. A criança possui um pensamento original ao inventar nomes para as coisas. Esse fator relaciona-se à originalidade e à espontaneidade que, em contato com as disciplinas educativas do meio social, podem distanciá-la da criatividade e aproximá-la dos clichês comuns.

A psicopedagoga Cristina Dias Alessandrini, no seu livro "Oficina criativa e psicopedagogia", explica que o momento

da inspiração nasce no consciente do indivíduo, na forma de uma imagem, que convida a uma tomada de decisão: a nova figura se apresenta enquanto esforço na busca da harmonia e da integração. Ela diz que pensar criativamente é trabalhar a partir do que há de mais nobre numa pessoa. A cada momento, algo nasce e se transforma. O pensamento emerge e precisa ser refletido, reelaborado. Também escreve que a experiência artística é a expressão da alma e da percepção que o homem tem do mundo e apresenta-se como recurso importante para ampliar a aprendizagem daquele que se relaciona com o outro, e aprende a partir dessa relação; o que significa que o ensino da arte em contextos educacionais seja re-significado, propiciando ao homem vivenciar o sentido maior do que é aprender. "Para que essa relação se processe de forma completa e cada vez mais adequada, é importante que o educador amplie e aprofunde seu conhecimento sobre os mecanismos pelos quais aprendemos, desenvolvemo-nos e amadurecemos", complementa.

Se o professor que fazer coisas boas do ponto de vista educacional e coisas boas do ponto de vista criativo, não pode procurar apenas em si mesmo. Precisa sair pelo mundo em busca de modelos que permitam aprender alguma coisa. Colocar cores, achar o equilíbrio correto entre os volumes e os espaços, descobrir uma sinfonia equilibrada de cores é tornar-se instrumento extraordinário de uma orquestra.

É muito mais fácil bloquear a criatividade do que estimulá-la. Pesquisas psicológicas identificaram quatro coisas que sufocam a criatividade. A primeira é a vigilância, quando o professor fica em cima das crianças, fazendo com que sintam que estão sendo constantemente observadas. "Isso dá um verdadeiro nó nos músculos da criatividade", lamenta a professora Lúcia Maria de Carvalho Mendes. Outra coisa que sufoca a criatividade é a avaliação, quando o professor insiste em fazer com que as crianças se preocupem como seus atos estão sendo julgados pelas outras crianças.

O terceiro fator que acaba com a criatividade é a recompensa, quando as crianças sentem que o que estão fazendo é apenas para receber uma estrelinha dourada ou em troca de um presente do pai ou da mãe. O julgamento é

inimigo do processo criativo. "Passar pelo processo é não julgar como o processo é feito".

O último fator que sufoca a criatividade é a competição, quando o professor faz com que as crianças se sintam numa situação de vitória ou de derrota em relação às outras. "Elas ficarão tão preocupadas em ter sucesso que nunca sentirão o prazer de um momento criativo", explica Lúcia.

A criança é um profissional. Seu trabalho é o de brincar, de experimentar, de tentar coisas diferentes. A maior parte dos pais não consegue deixar de criticar o que as crianças fazem. Tanto em casa como na sala de aula, não é diferente. A criança chega toda faceira e mostra o desenho que fez com toda a sua liberdade e inspiração de momento, então o pai diz "o que é isto?". "É um sol", diz a criança. Então vem o julgamento do pai: "O sol é amarelo, não é preto". E então a flor é maior que a criança e flores não são maiores do que pessoas... E a frustração continua com o pai questionando sobre a identidade da personagem do desenho. "Essa sou eu dançando", diz a criança. "Mas você tem os pés lá no joelho?"... E assim, pensando que estão ajudando a ensinar a desenhar como eles consideram correto, os pais derrubam e inibem o potencial criador de seus filhos, aos poucos.

Assim, todas as salas de aula deveriam ser como a do livrinho "Este admirável mundo louco". Escrevendo para o público infanto-juvenil, Ruth Rocha conta a história de um garoto que vai para uma escola onde todas as crianças permanecem em vidros. Por sorte de Furuli, este é o nome do personagem, como não há estoque de vidros, ele começa assistindo às aulas "no bem bom, de perna esticada" e se divertindo a observar os colegas presos.

Com o transcorrer dos dias, as crianças percebem algo "estranho" no comportamento de Furuli. Ele desenha melhor que qualquer um, dá respostas criativas, inventa brincadeiras, é engraçado e cheio de humor. Agir do mesmo modo passa a ser o desejo de todas as crianças. A partir de então, para a infelicidade dos professores, tem início um quebra-quebra geral. Está arrumada a confusão! Como sairia muito caro repor todos os vidros quebrados, o diretor decide tomar sua

escola uma "Escola Experimental". Isso mesmo, experimentar não usar mais vidros para ver se dava certo.

Apresentação de uma peça radiante

O ensino da arte no Brasil marcou seu início com acentuado preconceito em relação às atividades manuais. Dirigida aos aristocratas, a educação valorizava excessivamente a literatura, conferindo os ofícios manuais aos escravos. Após a abolição da escravatura, coincidente com o processo de revolução industrial, os preconceitos em relação à arte inverteram-se, o trabalho manual começou a ser respeitado, visto que o trabalho físico foi substituído pelo mecânico. O desenho era visto na escola como uma forma de linguagem, entretanto, a interpretação da natureza dessa linguagem seguia diferentes caminhos. Na educação, a função da arte é permitir que a criança expresse seus sentimentos.

O dia começava claro naquela manhã. Talvez as crianças que esperavam a professora de artes voltar com os fósforos não imaginassem a chuva que cairia dali a poucos instantes. Parece que chuva me persegue quando me preparo para escrever sobre o incrível ballet das persianas. Na sala da escolinha de arte do Colégio de Aplicação da UNIVALI não há persianas, as janelas são claras, mas felizes. Em cada janela tem um canto e em cada canto tem um desenho, ou melhor, vários desenhos. Cheguei no mesmo instante em que a Lúcia retomava com os fósforos, para alegria dos seus alunos, e ela me explicou que eles serviriam para as crianças desenharem na argila, a atividade daquele dia.

Lúcia Maria de Carvalho Mendes se dedica ao estudo da Arte Educação desde 1978. "Desde quando eu nasci", pensei. É... faz um tempo. Ela estudou na Faculdade de Música e Belas Artes, no Paraná, e fez superior de desenho e pintura. As suas aulas são alegérrimas, as crianças são facilmente cativadas pela sua voz mansinha, sua paciência e seu ar jovial. É muito jovial. Ela tem 42 anos, mas também parece uma criança, no meio daquela empolgação.

As crianças chegam cedo, sempre à vontade, conversam, soltam suas energias e ajudam em tudo. Enquanto a Lúcia corta o tijolo de argila com fio de nylon, elas cobrem a área da mesa em que vão trabalhar com uma folha de papel, "pra não fazer lambança". Tudo ao som de Tchaikovsky. Alguns dançam, outros assobiam com a música, "Música clássica é ótimo para eles relaxarem", diz Lúcia. E os olhinhos brilham ao descobrir que em barro também se desenha.

Cada um recebe um retângulo de argila de mais ou menos 5x9cm. Até dá para dar aulas de matemática, mas agora é só hora de relaxar. Eles alisam bem com o dedo e um pouco d'água a face do retângulo que irão desenhar. Do outro lado, escrevem o nome com o palito de fósforo, enquanto a dedicada professora passa de um em um e faz dois furinhos na parte superior do pedaço de argila para, quando secar, passar por ali uma corda e as crianças poderem pendurar suas obras de arte. Quadrinhos de argila.

Todas as técnicas e atividades que ela ensina têm um objetivo comum, dentre tantos outros, que é o estímulo da criatividade. "Não existe aluno criativo e não criativo, o que existe é uma criatividade não trabalhada". Então ela explica que o ser humano, enquanto criança, é muito puro e tem muita facilidade de liberar os seus sonhos, as suas fantasias, as suas criações em desenhos, em expressão corporal, teatro, brincadeiras, redações, histórias e tudo o que vier na sua imaginação, sem censura, sem medo, simplesmente criativo.

Todos nós somos multicriativos em potencial, o que acontece é que chega uma hora em que a criança começa a ser cobrada, ou na escola, ou mesmo na família, e a sua criatividade não é trabalhada corretamente, não é estimulada e fica toldada. "Daí diz-se que não é uma criança criativa, mas isso não é verdade. Quando está lá na primeira série, por exemplo, e faz um lindo desenho ou uma bela redação, a criança dá tudo de si, coloca a sua alma naquela atividade e acha lindo e maravilhoso. Entrega ao professor e ele faz a pior coisa que ainda existe na escola: dá nota. E pior, uma nota baixa. Isso acaba com a criança, porque ela sabe que só estaria bom se tivesse tirado um dez, e não um quatro." Lúcia explica que isso acontece geralmente com professores que não

são sensíveis, não estão em sintonia com a música da alma da criança que emana das suas atividades. O que se deve fazer é criar conceitos a partir do que a criança criou. Elogiar sempre e deixar bem claro que ela é sempre capaz de criar e fazer mais, quando tiver vontade. Mas também não é dizer que qualquer risquinho está maravilhoso, porque a criança também sente e sabe que não é verdade. "Com conceitos claros, a criança vai criando os seus próprios e ficando mais crítica em relação às suas próprias atividades".

O equívoco na forma como é trabalhada a criatividade na sala de aula ocorre porque o professor também foi muito castrado na sua aprendizagem e não consegue se soltar, soltar a sua própria criatividade e estimular a dos seus alunos, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos. Ele prefere ter uma turma de 40 alunos que pensem mais ou menos igual a ele para poder dominá-los, a soltá-los pelas teias da livre-expressão e correr o risco de perder o controle da turma. Mas se ele fizer isso, verá que em certos momentos poderá até não ter o controle da turma, mas será muito mais humano e amigo que qualquer um outro e seus alunos criarão mais e mais e verão que precisarão do auxílio do professor. Então ele conquista o "domínio" da turma. Ou seria o coração?

A arte, só pelo fato de existir, é puro pensar, e faz pensar. Uma das crianças queria desenhar um abacaxi na argila e pediu a ajuda da Lúcia, pois disse não saber como desenhar. Então ela pediu que a criança fechasse os olhos e fosse buscar, lá escondido, a imagem de um abacaxi, que ela com certeza já viu por aí. Depois de lembrar e memorizar os detalhes, ficou fácil desenhar. "Fazendo esse pequeno exercício, ela nem sabe, mas está estimulando a sua memória visual, em lembrar do abacaxi, e a sua coordenação motora, no ato de desenhar. Isso vai ajudá-la em toda a sua vida no processo de aprendizagem, já que nunca deixamos de aprender".

É exercício tão simples que pode até se tornar banal, se a professora chegasse e cortasse a parte mais importante dele, que é o estímulo da memória, dizendo que tem essa fruta e mostra-se à criança o abacaxi, para ela copiar: "Assim, eu não estaria buscando essa informação na sua memória". Mais tarde ela terá a oportunidade de ver um abacaxi sozinha e

corrigir as imperfeições, se preciso. O importante é que ela teve o direito de expor sua dúvida, esta foi esclarecida através de seus próprios conhecimentos, ela criou a sua verdade e foi aceita. E ser aceita é muito importante para uma criança. Cada um tem a sua verdade.

A arte é interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original. A arte traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito. A capacidade de imaginar é de suma importância para o conhecimento, incluindo o conhecimento científico. Imaginar é projetar, é antever, é a mobilização interior orientada para determinada finalidade antes mesmo de existir a situação concreta. A imaginação possui uma natureza visionária sonhadora detectando a intencionalidade contida na ação humana. A arte estimula a exploração do universo imaginário. A arte é pensamento visual, seja ele científico, poético ou funcional. "Precisamos descobrir as trilhas sobre as quais a escola deve caminhar para que a criança se torne apta, na escola, a se transformar num ser criativo, com seus processos mentais bem desenvolvidos e em pleno uso de suas potencialidades", explica Lúcia.

Os educadores precisam acreditar na individualidade do ser humano, no poder da criatividade da criança, na necessidade vital que a criança tem de se expressar como um todo. Os professores devem expressar o desejo de mudar a sociedade por meio de uma pedagogia orientada pela criatividade.

Através da arte, a criança torna-se plena, a arte abre todos os caminhos que ela precisar para atingir seu ideal, que é também como uma brincadeira de fechar os olhos e pensar: "O que eu quero fazer da minha vida?" E esse conhecimento artístico e libertador torna a criança um ser completo, crítico, criativo e aceito com a sua verdade de perfeições e imperfeições, dependendo dos olhos de quem vê, mas mesmo assim, decidido nas suas escolhas.

Para a jovem Lúcia Mendes, ser criança é estado de espírito que ninguém deveria deixar morrer. "É aquele acreditar, aquele sorrir, aquele olhar puro de primeira vez, de

curiosidade, de espanto, de descoberta, em que, mesmo que você tenha trinta, quarenta, setenta ou oitenta anos, olhe para uma flor como quem a vê pela primeira vez e admire sua existência e seus detalhes”, filosofa. E talvez até esteja se definindo quando diz que ser criança é aceitar as dificuldades da vida como mais uma brincadeira que você também quer aprender. Acreditar que essa dificuldade vai passar e vai fazer crescer. “Pode ser que você não adquira mais alguns centímetros, mas a sua grandeza interior vai ficando cada vez maior e toma-se tão grande quanto o universo”, finaliza.

A chuva fica mais pesada e as folhas imensas dos eucaliptos que repousam ali na frente do *Recanto da Arte*, parecem até cortinas quando chegam a encostar nas janelas pintadas pelas crianças. A livre-expressão está presente na natureza, mais do que nunca. Queriam elas fazer o papel das persianas, bailando ao vento?

Se sim ou não, o que vale agora é que as folhas dos eucaliptos repousam tranqüilas em um mundo colorido onde corremos mais rápido do que a beleza, pois assim, lhe damos as costas. Não muito tempo depois dessa atividade, os eucaliptos que escondiam o *Recanto da Arte* foram cortados, dando lugar a uma imensa claridade de descobertas de um silêncio eloqüente.

A presença das árvores ainda falava quando, no dia da água, os professores do Colégio de Aplicação da Univali se reuniram para um ensaio de atividade. No último dia 22 de março, dia mundial da água, ninguém esperava que fosse chover e, de encontro marcado, rumaram para a mágica sala de artes, enquanto a Lúcia arrumava os ingredientes que comporiam a receita da noite. Sim, era de noite e eu estava lá no meio para mais uma atividade de arte educação. Os professores já haviam proporcionado aos seus alunos momentos de aprendizagem e conhecimento durante toda a tarde, e agora era o momento deles se entregarem e revelarem seu lado criança. Uma vez por semana os professores do Colégio de Aplicação da Univali reúnem-se após o expediente para uma troca de informações e novas aprendizagens.

Naquela noite de segunda-feira, Tchaikowsky pretendia relaxar o grupo, mas a Lúcia acabou se esquecendo de levar

o CD. Não demorou para que as trovoadas povoassem a sala com seu som ensurdecador, poético e musical. No bailado da chuva, ela trouxe uma bacia cheia d'água e colocou no centro da sala. Os potes de barro, as revistas velhas, as pilhas de jornais, os desenhos e pinturas nas paredes prestavam tanta atenção aos detalhes que ela explicava quanto os professores na roda, sentados em suas carteiras. Alunos atentos. Meninota como sempre, ela sugeria maneiras e mais maneiras de como ensinar através da arte partindo do tema água.

Primeiro de tudo, é apresentado o tema e, em seguida, são feitos os questionamentos: Qual o sentido filosófico de água? Vida. E na biologia? H_2O . Dentro da matemática e da geografia, pode-se trabalhar os percentuais de água e terra no planeta, assim como o formato dos continentes e mares, percentuais de água doce ou salgada, água potável; pode-se trabalhar cidadania, meio ambiente, pluralidade cultural, a história dos banhos nos diferentes países, efeito estufa.... Mas, como chegar a essas idéias? Através da arte. Como? Pode-se trabalhar com a aquarela. A palavra aquarela vem do latim *ácqua*, que significa tinta trabalhada com água. Pode-se, assim, trabalhar com o guache, uma tinta opaca que, em termos genéricos, pode representar a dureza do ser humano. Ao juntar água ao guache, temos a interferência, a transparência do ser humano, a reflexão dos nossos atos. "Ao usar técnicas que transformam o material, aprimora-se o crescimento das pessoas", fala Lúcia enquanto separa pedaços de papel. Pedaços mais ou menos do tamanho de fotografias, que servirão de base para uma técnica que fala por si própria.

No dia da água, a chuva iniciava a reunião de suas irmãs gotas para mais um espetáculo da natureza. Na bacia cheia d'água, Lúcia colocou pigmentos de tinta e os espalhou. Em seguida, encostou um pedaço de papel nessa água colorida e a mágica das cores foi para o papel. Cada papel que por ali passava saía com uma cara nova, diferente. Não precisávamos mais de música, a chuva sensibilizava e encantava a todos. Daquele pedaço de papel, fizemos um cartão onde escrevemos nossos sentimentos e emoções trabalhados naquela noite e, ao lermos nossas mensagens do

coração, a chuva não queria nos deixar falar mais alto que seu próprio cantar, concorrendo com nossas preces até o último instante. Viámos a chuva, pela janela, lá fora, e sentimos também falta das árvores, como a chuva. Então ela engrossou suas gotas, partindo-se em feixes... feixes d'água que pareciam cortinas bailando ao vento e também árvores, querendo imitar cortinas...

"Durmo e sonho com o crepúsculo
das cores.

Cores que vêm e vão ao encontro
de nossos sonhos.

Sonhos de crianças lindas.

Anjos que voam alto por paisagens
infinitas e caminhos coloridos.

Nessa sala de tintas, me servi com
as cores do meu sonho para ter a
delicadeza de realizá-los um por
um, cor por cor.

E, quando nossas asas brotarem, e
o sol se fizer fogo, voaremos para
um mundo de cor maior que o
nosso interior.

O mundo tem a cor que a gente
pinta".

Belas Histórias do "Jornalismo"

O compromisso que firmamos em 1999 de dar continuidade ao Projeto Impressão de Jornalista se concretiza com a produção de um novo livro. Como já observamos na edição anterior, a publicação tem o mérito de tirar do anonimato excelentes trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos do nono período, hoje profissionais, atuando na mídia e em outras áreas da comunicação. Este trabalho é resultado de uma parceria frutífera envolvendo o nosso Centro, o Curso de Jornalismo e a Pró-Reitoria de Ensino (Proen), sob o comando da professora Sueli Petry da Luz, que desde o primeiro momento não mediu esforços para que o projeto se concretizasse.

Impressão de Jornalista é uma realidade e ajuda a levar o nome da Univali à comunidade e às prateleiras de grandes bibliotecas estaduais e nacionais, imortalizando uma fase importante do curso. Contribuí, significativamente, na divulgação de algumas das muitas reportagens de qualidade que se produz no curso, que está completando 10 anos. A comemoração desta data está sendo marcada também pelo lançamento da segunda edição do livro que, neste ano, reúne as reportagens de Samara Toth Vieira, José Isaias Venera, Joni César Tomazoni, Deise Rosa Feltz, Cristina Teresa da Costa Santos, Michele Wilke e Rita de Cássia Schelempper.

Contam histórias verdadeiras, sensíveis e emocionantes e tratam suas reportagens com o carinho e os cuidados de um artesão. Dão vida aos relatos e aos ambientes onde se passam os fatos, na busca de envolver o leitor. Cada um, ao seu estilo, procura valorizar parte daquilo que aprendeu na universidade ao longo dos quatro anos e meio.

A publicação de mais esta obra pelo CEHCOM, com o apoio da instituição, tem o intuito de valorizar os esforços desses alunos que ajudaram a marcar a história do curso, construído ao longo dos anos.

Nesta obra, o leitor terá contato com boas reportagens:

Samara Toth Vieira nos relata a história de vida das crianças e adolescentes sem lar de Itajaí. A situação em que vivem é reflexo de lares desajustados. São as vítimas da violência e do abandono social.

José Isaias Venera, hoje professor do curso, procura focalizar a questão do patrimônio histórico de Itajaí, por meio de uma visão crítica. Alerta as autoridades públicas e os políticos sobre a necessidade de preservar a história da cidade de Itajaí.

Joni César Tomazoni pesquisa sobre a TV Coligadas/Canal 3, uma história que, no sentido literal das palavras, foi por água abaixo. Ele traça a trajetória da emissora, iniciada de forma brilhante em 1969. Suas atividades são encerradas, de modo melancólico, em 1979, quando ela é comprada pela Rede Brasil Sul de Comunicação.

Deise Rosa Feltz aborda os vários aspectos da vida de pessoas que têm sua comunidade invadida por toneladas de lixo. A reportagem narra histórias de personagens reais que, direta ou indiretamente, são obrigados a se acostumar com o mau cheiro. E, como ela diz: há quem sobreviva 'do' lixo e há quem sobreviva 'com o lixo'. Mas não há quem viva 'com ele'.

Cristina Teresa da Costa Santos vai à escola. Vai defender a arte na escola como forma alternativa para o desenvolvimento potencial criador das pessoas enquanto indivíduos críticos, criativos e expressivos. Cidadãos capazes de pensar e agir para mudar.

Michele Wilke, fala-nos das muitas maneiras de envelhecer e propõe: é necessário encarar a velhice com alegria, transformando a vida, na terceira idade, em uma fase feliz e saudável. Sua intenção é mostrar, de maneira simples, o lado bom da vida após os 60 anos.

Já Rita de Cássia Schlempper nos brinda com "o paraíso". Mostra que em Santa Catarina há um lugar com muitas belezas naturais, comidas típicas e povo acolhedor. Um paraíso que começa a ser descoberto pelos turistas e por aqueles que gostam de cavalgada e caminhadas ecológicas.

É isto, em síntese, o que o novo livro do Curso de Jornalismo e do CECHOM traz para você, leitor, que está sempre à espera de emoções, novidades e histórias interessantes.

Maria Mersilda Pinheiro
Diretora do Centro de Educação Superior de Ciências Humanas e da Comunicação

A nova versão de Impressão de Jornalista reúne sete grandes reportagens desenvolvidas pelos alunos de Jornalismo. A obra contribui para consolidar a imagem da Universidade e do curso no contexto catarinense, ao mesmo tempo que permite dar vazão às produções e à criatividade dos futuros profissionais, num mundo em que o estético, diz Maffesoli, subverte a ordem social e transforma a cultura em peça central. Não a alta cultura, mas aquela "feita de uma multiplicidade de ninharias, de experiências, de representações, de emoções características da vida cotidiana."

A sociedade pós-moderna, no quadro pintado por Maffesoli, é campo aberto à reportagem. As emoções, as novas tribos, a incerteza sobre cada dia, a barroquização do mundo desperta o interesse do jornalista. São estas pequenas coisas, grandes transformações, mudanças sociais, gritos de liberdade, refletindo-se aqui e ali, que dão vida à informação e proporcionam atos criativos.